J. Krishnamurti

Apontamentos de Krishnamurti

Jiddu Krishnamurti

Apontamentos de Krishnamurti

Tradução de *Sônia Café*

Prefácio de *Mary Lutyens*

Terra sem caminho
da ICK - Instituição Cultural Krishnamurti

1ª Edição
2014

J. KRISHNAMURTI

Nascido em Madanapalle, Jiddu Krishnamurti (1895 – 1986) tinha quatorze anos quando passou a viver sob a tutela da Sra. Annie Besant, socialista, reformista e Presidente da Sociedade Teosófica Internacional, em Adyar, situada nas cercanias de Chennai. Ela e o seu colega, C. W. Leadbeater, acreditavam que Krishnamurti era o veículo para o Messias, cuja vinda havia sido predita pelos Teosofistas.

A Ordem da Estrela no Oriente, uma organização dedicada a preparar a humanidade para a vinda do Instrutor do Mundo, foi fundada em 1911 tendo Krishnamurti sido colocado como seu presidente. Nesse mesmo ano, ele foi levado para a Inglaterra, de modo a ser privadamente educado e treinado para sua futura tarefa.

Contudo, em 1929, ele dissolveu a Ordem e renunciou ao dinheiro e às propriedades acumuladas em seu nome. Ele declarou, então, que a verdade não pode ser revelada por intermédio de seitas ou religiões, mas apenas quando o ser humano se liberta de todas as formas de condicionamentos. "Vocês podem criar outras organizações e esperar pela vinda de outrem" - ele disse. "Já não me preocupo mais com isso e nem em criar novas prisões... O meu único interesse é a libertação absoluta e incondicional do ser humano."

Reconhecido mundialmente como um instrutor espiritual dos mais extraordinários, Krishnamurti dedicou sua vida a fazer palestras por todo o mundo. Sem permanecer mais que alguns meses nos lugares que visitava, ele se considerava como não pertencendo a uma determinada raça ou nação. Com o passar dos anos, os seus encontros anuais atraiam milhares de pessoas de diferentes nacionalidades, profissões e visões de mundo em Mumbai, Chennai e Benares na Índia, em Ojai na Califórnia, em Saanem na Suíça, e em Brockwood Park, Hampshire, na Inglaterra.

SUMÁRIO

Apontamentos de Krishnamurti

PREFÁCIO

Repentinamente, em setembro de 1973, Krishnamurti começou a escrever um diário. Por aproximadamente seis semanas, ele fez anotações diárias em um caderno. No primeiro mês daquele período, ele estava vivendo em Brockwood Park, Hampshire, e o resto do período passou em Roma. Ele completou o diário dezoito meses mais tarde quando estava na Califórnia.

Quase todas as anotações começam com a descrição de um evento na natureza, a qual ele conhecia intimamente, embora em apenas três ocasiões essas narrativas se referem ao lugar onde ele estava naquele instante. Sendo assim, a primeira página da primeira anotação descreve o bosque no parque, em Brockwood, porém, na segunda página, ele está se imaginando na Suíça. Somente quando vai para a Califórnia, em 1975, é que ele começa de novo a descrever o ambiente circundante onde efetivamente se encontrava. No restante da narrativa ele se recorda de lugares onde viveu, com uma clareza que mostra quão vívida era a sua lembrança dos cenários na natureza, a emergir da nitidez e precisão de suas observações. Esses apontamentos também revelam o quanto os seus ensinamentos se inspiravam em sua proximidade com o mundo natural.

Por toda a narrativa, Krishnamurti se refere a si mesmo na terceira pessoa como "ele" e incidentalmente nos revela algo de si mesmo que não houvera feito anteriormente.

M. L.

BROCKWOOD PARK

14 de Setembro de 1973

Um dia desses, voltando de uma boa caminhada, passando pelos campos e árvores, atravessamos o bosque* que fica perto do casarão branco. Ao cruzar o portal que leva para dentro do bosque, você sentiu imediatamente uma sensação de paz e quietude. Nada se movia. Caminhar por ali parecia um sacrilégio, assim como pisar aquele chão; falar era profano ou até mesmo respirar. As imensas sequoias, na mais absoluta quietude, são chamadas pelos nativos norte-americanos de seres do silencio e, naquele instante, elas permaneciam realmente silenciosas. Até mesmo o cachorro não perseguia os coelhos. Diante de uma quietude tão penetrante era quase uma ousadia respirar; você se sentia um intruso, que antes ria e tagarelava e, ao adentrar aquele bosque, sem saber o que o aguardava, via-se diante de uma surpresa e de um choque – o choque de uma bênção inesperada. O coração batia mais lentamente, sem palavras diante daquela maravilha. Ali era o centro de todo este lugar. Desde então, toda vez que você entra ali, vai ao encontro daquela beleza, daquela quietude, daquela estranha quietude. Venha quando vier e tudo isso estará ali, rico, pleno, inominável.

Qualquer forma de meditação consciente não é a coisa real: nunca poderá ser. A tentativa deliberada de meditar

---

* Muitas árvores raras, incluindo as sequoias, crescem nesse bosque em Brockwood.

não é meditação. Ela precisa acontecer por si mesma; não pode ser convidada. Meditação não é um jogo da mente nem do desejo e do prazer. Tentar meditar é o mesmo que negar a própria meditação. Apenas se dê conta do que está fazendo e pensando e nada mais é necessário. O ver, o escutar já é o fazer sem recompensa nem punição. A habilidade do fazer está na habilidade de ver e ouvir. Toda forma de meditação leva inevitavelmente ao engano, à ilusão, pois o desejo cega. Era uma noite adorável e a luz suave da primavera cobria a terra.

15 de setembro de 1973

É bom estar só. Ficar longe do mundo e ainda assim caminhar por suas ruas é estar só. Estar só e caminhando pelas trilhas nas montanhas onde corre o rio apressado e ruidoso, cheio das águas da primavera e da neve derretida, ciente daquela árvore solitária, sozinha em sua beleza. O isolamento de um homem na rua é a dor da vida; ele nunca está só, distanciado, intacto e vulnerável. Estar cheio de conhecimento provoca um sofrimento sem fim. As exigências para que se expresse, com suas dores e frustrações, perdura naquele homem que caminha pelas ruas; ele nunca está só. O sofrimento é o movimento presente naquele isolamento.

Aquele rio nas montanhas estava cheio e volumoso por causa da neve derretida e das chuvas do começo da primavera. Era possível ouvir grandes blocos de pedra sendo empurrados e levados pela força das águas. Um pinheiro alto, com seus cinquenta anos ou mais, havia tombado sobre as águas; a estrada estava sendo lavada pelas águas. O rio tomava uma coloração lamacenta como se fosse de ardósia. As encostas acima se revestiam de flores do campo. O ar estava puro e cheio de encantamento. Nos morros mais altos, ainda havia neve e as geleiras e os picos mais elevados sustentavam a neve fresca; elas permanecerão brancas por todo o verão.

Era uma manhã maravilhosa e a caminhada poderia ter durado para sempre sem que fosse preciso sentir as

ladeiras mais íngremes. Havia no ar um perfume claro e forte. Ninguém descia ou subia por aquela trilha. Era possível estar só e na presença daqueles pinheiros escuros e das águas apressadas. O céu assumia as cores de um azul tão chocante que só as montanhas conseguem ter. Tudo isso sendo visto por entre folhas e pinheiros eretos. Não havia ninguém com quem falar nem tagarelice na mente. Uma ave, branca e preta, alçou voo e desapareceu na floresta. A trilha se distanciou do rio ruidoso e o silencio tornou-se absoluto. Não era o silencio após o barulho: não era o silencio que vem com o por do sol, nem aquele silencio quando a mente se amortece. Não era o silencio de museus e de igrejas, mas algo totalmente livre do tempo e do espaço. Não era o silencio que a mente cria para si mesma. O sol estava quente e as sombras agradáveis.

Só recentemente ele descobriu que não havia um único pensamento durante essas longas caminhadas, nas ruas cheias de gente ou em trilhas solitárias. Desde garoto tinha sempre sido assim; nenhum pensamento entrava em sua mente. Ele observava e escutava e nada mais. O pensamento com suas associações nunca surgiam. Não havia a construção de imagens. Certo dia, ele descobriu de repente o quanto isso era extraordinário; frequentemente ele tentava pensar, mas os pensamentos não vinham. Nessas caminhadas, com ou sem pessoas, os movimentos do pensamento estavam ausentes. Isso é estar só.

Sobre os picos nevados, nuvens pesadas e negras estavam se formando; provavelmente choveria mais tarde, mas naquele instante as sombras estavam muito bem definidas e o sol claro e brilhante. Ainda perdurava aquele cheiro agradável no ar e a chuva traria um cheiro diferente. O caminho seria uma longa descida até o chalé.

16 de setembro de 1973

Naquela hora da manhã, as ruas do vilarejo estavam vazias, porém, além delas, o campo estava cheio de árvores, prados e brisas sussurrantes. A única rua principal estava iluminada e todo o resto permanecia na escuridão. O sol surgiria em três horas. Seria uma manhã clara e iluminada pela estrela. Os picos nevados e as geleiras ainda estavam na escuridão e quase todos dormiam. As estradas estreitas da montanha tinham tantas curvas que não era possível ir muito rápido; o carro era novo e sendo amaciado. Era um belo carro, potente e muito bem desenhado. Naquele ar matinal o motor funcionava muito eficientemente. Na estrada, era bonito de se ver como o carro subia e virava em cada curva, firme como uma rocha. O amanhecer estava ali, assim como o contorno das árvores e a longa extensão dos morros e das videiras; seria uma manhã deliciosa; estava frio e agradável por entre os morros. O sol se elevara e o orvalho pousava sobre os campos e as folhas.

Ele sempre gostou de máquinas; desmontava o motor de um carro e quando esse voltava a funcionar parecia que era novo. Quando você está dirigindo, a meditação acontece tão naturalmente. Você percebe a paisagem rural, as casas, os trabalhadores no campo, as marcas dos carros que passam e o céu azul por entre a folhagem. Você nem mesmo percebe que a meditação está acontecendo, essa meditação que começou há milênios e que permanecerá

indefinidamente. O tempo não é um fator na meditação, nem a palavra, que é o meditador. Não existe um meditador a meditar. Se existir, então não é meditação. O meditador é a palavra, o pensamento e o tempo e, portanto, sujeito à mudança, à aparecer e desaparecer. Não é como uma flor que floresce e morre. Tempo é movimento. Sentado à beira do rio, você observa o fluxo das águas, as coisas boiando e sendo arrastadas pela correnteza. Quando você está na água não há um observador. Beleza não está em uma mera expressão; beleza está no abandono da palavra e da expressão, da tela e do livro.

Quanta paz há nos morros, nos prados e nessas árvores: tudo sendo banhado pela luz de uma manhã em movimento. Dois homens discutiam aos berros, gesticulando e enrubescendo suas faces. A estrada continua por uma longa avenida arborizada e a ternura do amanhecer começa a se dissipar.

A visão do mar estendia-se por toda parte e o perfume de eucalipto impregnava o ar. Ele era um homem baixo, magro e musculoso: ele teria vindo de uma terra distante, sua pele bronzeada pelo sol. Depois de uma breve saudação, ele disparou em tom de crítica. Como é fácil criticar quando não se tem o conhecimento real dos fatos. Ele disse: "Você pode ser livre e realmente viver segundo o seu discurso, mas fisicamente você está numa prisão, confortavelmente protegido pelos seus amigos. Você não sabe o que está acontecendo ao seu redor. As pessoas assumem a autoridade, embora você não demonstre ser autoritário".

Não tenho certeza se você tem razão quanto a esse assunto. Para se dirigir uma escola ou qualquer outra coisa é

necessário que se tenha responsabilidade e isso pode ser feito sem implicações autoritárias. Autoridade e cooperação não se complementam, nem a ideia de conversar ou discutir as coisas em conjunto. É isso o que se procura fazer em todo o trabalho em que nos envolvemos. Esse é um fato real. Qualquer um pode notar que não há intermediários entre eu e o outro.

"O que você está dizendo é da maior importância. Tudo que você fala e escreve deveria ser impresso e circular pelas pessoas sérias e dedicadas desse pequeno grupo. O mundo está explodindo e você nem está percebendo."

Mais uma vez, não me parece que você está percebendo o que acontece. Houve um momento em que um pequeno grupo assumiu a responsabilidade de circular o que estava sendo dito. Agora, de novo, um pequeno grupo assumiu a mesma responsabilidade. E, mais uma vez, é preciso que se diga, você não está percebendo o que acontece.

Ele fez várias críticas, mas todas se baseavam em premissas e opiniões passageiras. Sem assumir a defensiva, apontamos para o que estava realmente acontecendo. Mas —.

Como os seres humanos são estranhos.

Os morros desapareciam e os ruídos do cotidiano se faziam presentes, o ir e vir, o prazer e a tristeza. Uma árvore solitária sobre um outeiro era a beleza da paisagem. Nas profundezas do vale havia um regato e ao seu lado uma estrada. É preciso deixar o mundo de lado para ver a beleza daquele regato.

17 de setembro de 1973

Naquela tarde, ao caminhar pelo parque, havia a presença de uma ameaça. O sol se punha e as palmeiras elevavam-se solitárias contrastando com o dourado daquele céu ocidental. Na figueira, os macacos se preparavam para a chegada da noite. Dificilmente alguém usaria aquele caminho e muito raramente se encontraria outro ser humano. Havia muitos cervos a desaparecer timidamente na folhagem densa. Contudo, a ameaça estava ali, pesada e penetrante: ela o envolvia por inteiro e era possível olhar para ela por sobre o ombro. Não havia animais perigosos; eles se mudaram dali, era muito perto do vilarejo em expansão. Sentia-se uma alegria ao se afastar dali e caminhar de volta e através das ruas iluminadas. Porém, na noite seguinte, os macacos ainda estavam lá, assim como os cervos e o sol por trás das árvores mais altas; a ameaça havia desaparecido. Dessa vez, as árvores, os arbustos e as plantinhas estavam ali para oferecer as boas vindas. Você estava entre amigos, e se sentia completamente seguro e muito bem vindo. Os bosques o aceitavam; era um prazer caminhar ali a cada noite.

As florestas são diferentes. Há um perigo físico ali, não só por causa das serpentes, mas também por causa dos tigres que habitam essa área. Certa vez, caminhando por ali numa tarde, houve um silencio anormal e repentino; os pássaros se calaram, os macacos ficaram absolutamente quietos e tudo parecia ter parado de respirar. Você ficou

imóvel. Em seguida, repentinamente, tudo voltou a viver; os macacos voltaram a brincar e a provocar uns aos outros, os pássaros retomaram a sua algazarra vespertina e era possível notar que o perigo havia passado.

Nos bosques e florestas onde o homem mata coelhos, faisões, esquilos, há uma atmosfera bem diferente. Adentra-se um mundo onde o ser humano esteve com a sua arma ou com a sua forma peculiar de violência. E assim, os bosques perdem a sua ternura, o senso de boas vindas desaparece, assim como algo de sua beleza e aquele sussurro de felicidade.

Você só se tem uma cabeça, cuide dela, pois é uma coisa maravilhosa. Não há máquinas ou computadores que possam ser comparados a ela. Tão vasta e complexa, tão incrivelmente capaz, sutil e produtiva. A cabeça humana e seu cérebro guardam em si experiências, conhecimento, memórias. O ato de pensar começa ali. E tudo que o pensamento humano inventou é fantástico: os danos e as brincadeiras de mau gosto, as confusões, as tristezas, as guerras, as corrupções, as ilusões, os ideais, a dor e a indigência, as grandes catedrais, as belas mesquitas e os templos sagrados. É fantástico aquilo que a cabeça humana tem feito e o que ainda pode fazer. Contudo, há uma coisa que, aparentemente, ela não pode fazer: mudar completamente o seu comportamento na sua relação com outra cabeça, com uma outra pessoa. Nem punição ou recompensa parecem mudar o seu comportamento; o conhecimento não parece transformar a sua conduta. O eu e o você permanecem. Ela nunca percebe que o eu é o você, que o observador é a coisa observada. Seu amor é sua degeneração; seu prazer é sua agonia; os deuses

de seus ideais são seus destruidores. Sua liberdade é sua própria prisão; é educada para viver nessa prisão, apenas tomando o cuidado para torná-la mais confortável, mais prazerosa. Você só tem uma cabeça, cuide dela, não a destrua. É tão fácil envenená-la.

Ele sempre teve essa estranha falta de distanciamento entre ele mesmo e as árvores, rios e montanhas. Não era algo cultivado: não é possível cultivar ou praticar algo dessa natureza. Nunca houve uma parede entre ele e o outro. O que faziam a ele ou o que lhe diziam, nunca parecia magoá-lo; tampouco o elogio ou a bajulação o afetavam. De algum modo, ele parecia ser totalmente intocado ou não influenciado. Ele não era retraído, isolado, mas parecido com as águas de um rio. Ele tinha tão poucos pensamentos; e nenhum pensamento quando estava sozinho. Seu cérebro ficava ativo quando falava ou escrevia, caso contrário ficava quieto e ativo sem movimento. Movimento é tempo e atividade não é.

Essa estranha atividade, sem direcionamento, parece continuar o tempo todo, no sono ou na vigília. Ele sempre desperta com essa atividade da meditação; na maior parte do tempo, algo dessa natureza está sempre acontecendo. Ele nunca a rejeita ou a convida. Numa certa noite, ele acordou e ficou completamente acordado. Ele deu-se conta de que algo como uma bola de fogo, luz, estava sendo colocado dentro de sua cabeça, bem no centro dela. Ele observou isso objetivamente por um tempo considerável, como se aquilo estivesse acontecendo à outra pessoa. Não era uma ilusão, algo conjurado pela mente. A madrugada se aproximava e através de aberturas nas cortinas ele podia ver as árvores.

18 de setembro de 1973

Ainda é um dos vales mais lindos. Está inteiramente rodeado de morros e preenchido de laranjais. Há muitos anos atrás, havia poucas casas entre as árvores e pomares, mas agora há muito mais; as estradas estão mais largas, há mais tráfego e mais barulho, especialmente no lado oeste do vale. Mas os morros e os picos mais elevados permanecem os mesmos, intocados pela ação do homem. Há muitas trilhas que levam para as partes mais elevadas nas montanhas e muito se caminhou por elas. Ursos, cascavéis, cervos e até mesmo um lince foram encontrados pelo caminho. O lince estava mais à frente, seguindo na trilha estreita ronronando e se esfregando contra as rochas e os troncos das árvores. A brisa soprava numa direção que permitia uma aproximação maior dele. Ele realmente se divertia e se deleitava com o seu mundo. Com sua cauda curta e levantada, orelhas pontudas, retas e voltadas para frente, seu pelo avermelhado brilhante e limpo, ele estava totalmente alheio ao fato de que havia alguém caminhando em sua trilha e não muito distante. Caminhamos juntos pela trilha por mais de um quilometro, sem fazermos qualquer ruído. Era realmente um belo animal, envolto na graciosidade de seu poder natural. Havia um estreito regato à frente e, não querendo assustá-lo diante dessa aproximação, um suave sussurro serviria como uma saudação. Ele não cogitou de olhar em volta, teria sido um desperdício de tempo, apenas desapareceu

completamente em fração de segundo. Uma amizade que perdurara por um tempo considerável.

O vale está impregnado com o perfume das laranjeiras em flor, especialmente ao amanhecer e ao entardecer. O perfume estava no quarto, no vale e por todos os cantos da terra e o deus das flores abençoava o vale. O verão seria muito quente e isso teria as suas próprias peculiaridades. Há muitos anos atrás, em uma dessas visitas, notava-se uma atmosfera maravilhosa; até certo ponto, ela ainda está aqui. Os seres humanos estão danificando essa atmosfera, assim como parecem danificar muitas outras coisas. Algo será como sempre foi. Uma flor pode murchar e morrer, mas regressará com a sua beleza e graça.

Você já se perguntou por que os seres humanos fracassam ou por que se tornam corruptos, indecentes, violentos, ardilosos e oportunistas? Não adianta culpar o meio ambiente, a cultura ou os pais. Queremos colocar a responsabilidade dessa degeneração nos outros ou em algum acontecimento. Explicações e causas são saídas fáceis. Os antigos hindus chamavam isso de carma, você colhe o que plantou. Os psicólogos colocam o problema no colo dos pais. O que as pessoas chamadas de religiosas dizem sobre essa questão, está baseado em seus dogmas e crenças. Mas a questão permanece sem resposta.

Por outro lado, existem aqueles que nascem generosos, bondosos e responsáveis. Não são afetados pelo meio ambiente nem por qualquer tipo de pressão. Eles permanecem os mesmos, apesar de todo o clamor. Por quê?

Qualquer explicação que se tenha, não significará muita coisa. Todas as explicações são fugas para evitar a realidade daquilo que é. Isso é a única coisa que importa.

O que é pode ser completamente transformado com a energia que se gasta com explicações e com a busca de causas. O amor não está no tempo nem em análises, não está no arrependimento nem nas recriminações. O amor está presente quando o eu enganoso e astuto e o desejo por dinheiro e posição não estão.

19 de setembro de 1973

Era o tempo das monções. Sob as nuvens escuras e pesadas, o mar tingia-se de negro e o vento dilacerava as árvores. Choveria durante alguns dias, chuvas torrenciais, com uma pausa de um ou dois dias, para começar tudo outra vez. Sapos coaxavam em todas as poças e o ar se enchia do cheiro agradável trazido pela chuva. A terra estava limpa outra vez e em poucos dias se tornaria surpreendentemente verde. As coisas cresciam a olhos vistos; o sol apareceria e todas as coisas sobre a terra resplandeceriam. De manhã cedo, haveria cânticos e os esquilos pequeninos estariam por toda parte. As flores estavam em todos os lugares, as selvagens e as cultivadas, o jasmim, a rosa e a magnólia.

Certo dia, na estrada que leva até o mar, caminhando sob as palmeiras e as árvores pesadas pela chuva, olhando para milhares de coisas, um grupo de crianças entoava cânticos. Elas pareciam tão felizes, inocentes e absolutamente alheias ao mundo. Uma delas nos reconheceu, aproximou-se sorrindo e caminhamos de mãos dadas por alguns instantes. Caminhamos em silencio e, ao chegarmos perto da casa, ela fez uma saudação e desapareceu dentro da casa. O mundo e a família irão destruí-la e ela também terá filhos, chorará por eles e, por intermédio da astúcia do mundo, eles também serão destruídos. Mas, naquele fim de tarde, ela estava feliz e cheia de vida ao compartilhar um caminhar juntos de mãos dadas.

Quando as chuvas pararam e, voltando pela mesma estrada num dia de um entardecer dourado, passamos por um jovem que carregava uma chama num vasilhame de cerâmica. Ele estava seminu, usando apenas um pano limpo que envolvia os seus quadris, acompanhado de outros dois homens que carregavam o corpo de um morto. Eram todos brâmanes, recém-banhados, limpos, eretos. O jovem carregando o fogo deveria ser filho do homem morto: eles caminhavam rapidamente. O corpo seria cremado em algum lugar reservado sobre as areias. Era tudo tão simples, bem diferente de carros mortuários elaborados, cheio de flores, seguidos por uma fila de outros carros polidos e de pessoas enlutadas caminhando atrás do caixão: o obscuro negrume da coisa toda. Ou poderia se ver um corpo morto, decentemente coberto, sendo levado pela tração de uma bicicleta até o rio sagrado onde seria cremado.

A morte está em toda parte e nunca sabemos como viver com ela. Ela é uma coisa obscura e temerosa a ser evitada a todo custo e nunca deve ser mencionada. Mantenha-a distante da porta fechada. Mas ela vai estar sempre ali. A beleza do amor é a morte e ninguém os conhece. Morte é dor e amor é prazer e os dois nunca se encontram; os dois devem ser mantidos separados e essa divisão é a dor e a agonia humanas. Isso é assim desde o começo do tempo, a divisão e o conflito eterno. Haverá sempre a morte para os que não percebem que o observador é a coisa observada, o experimentador é o experimentado. É como um vasto rio no qual o ser humano foi apanhado, juntamente com todos os seus bens materiais, suas vaidades, dores e conhecimento. A menos que ele

abandone todas as coisas que acumulou no rio e nade em direção à costa, a morte estará sempre à sua porta, esperando e observando. Quando ele abandona o rio, não há mais costa, a margem é a palavra, o observador. Ele deixou tudo para trás, o rio e as margens. Pois o rio é o tempo e as margens são os pensamentos do tempo: o rio é o movimento do tempo e o pensamento é do tempo. Quando o observador abandona tudo que ele é, então não há mais observador. Isso não é a morte. Isso é o atemporal. Não há como saber o que é isso. Você não conhece isso, pois o que é conhecido é coisa do tempo; você não tem como experimentar isso: reconhecimento é coisa do tempo. A libertação do conhecido é a libertação da prisão do tempo. Imortalidade não é a palavra, o livro ou a imagem que você construiu. A alma, o 'eu', a individualidade é filha do pensamento o qual é tempo. Quando o tempo não existe não existe a morte. Amor é o que é.

O céu do poente perdera a sua cor e na linha do horizonte a lua nova surgia jovem, tímida e terna. Na estrada, as coisas passavam: o casamento, a morte, as gargalhadas de crianças e alguém soluçando. Ao lado da lua, brilhava uma estrela solitária.

20 de setembro de 1973

O rio estava particularmente belo essa manhã; o sol começava a aparecer por cima das árvores e da vila escondida atrás delas. Na quietude sem sopro de vento a água era um espelho. O dia seria bem quente, mas ainda estava fresco e o macaco solitário se banhava ao sol. Grande e pesado, ele sempre estava ali consigo mesmo. Durante o dia, ele desaparecia, mas voltava de manhã cedo e ficava no topo do pé de tamarindo: quando esquentava, a árvore parecia engoli-lo. Os papa-moscas esverdeados se assentavam na balaustrada juntamente com as pombas e os abutres estavam empoleirados e quietos sobre os galhos mais altos de outro tamarindeiro. Alheio ao mundo, a quietude era imensa ao sentar-se naquele banco.

Voltávamos do aeroporto por uma estrada sombreada e cheia de papagaios, nas cores verde e vermelha, a gritar em torno das árvores, quando vimos o que parecia ser uma grande trouxa largada na estrada. Quando o carro se aproximou, a trouxa revelou-se como sendo o corpo deitado e quase nu de um homem. O carro parou e descemos. O corpo daquele homem era imenso e a cabeça muito pequena; ele olhava para o céu espantosamente azul por entre a folhagem. Olhamos também para descobrir o que ele estava contemplando e vimos que o céu estava realmente azul assim como as folhas eram realmente verdes. Ele era deficiente e considerado um dos idiotas do vilarejo. Ele permaneceu imóvel e o carro foi condu-

zido muito cuidadosamente naquele trecho. Os camelos com suas cargas e as crianças a gritar passavam por ele sem lhe prestar a menor atenção. Um cachorro passou a uma larga distancia. Os papagaios estavam ocupados com o barulho que faziam. Os aldeões, os campos secos, as árvores e as flores amarelas estavam todos ocupados com suas próprias existências. Aquela parte do mundo era subdesenvolvida e não havia organizações ou indivíduos para cuidar de pessoas naquela condição. Havia esgotos a céu aberto, sujeira e multidões humanas, enquanto o rio sagrado seguia o seu caminho. A tristeza da vida estava em toda parte e no céu azul, bem lá nas alturas, os abutres de asas pesadas planavam em círculos com as asas paradas, circulando e esperando e observando, ao passar das horas.

O que é sanidade? E insanidade? Quem é lúcido e quem é louco? Seriam os políticos lúcidos? E os religiosos, seriam eles insanos? E os que estão comprometidos com ideologias, seriam eles lúcidos? Somos controlados, moldados e conduzidos por pessoas nessas posições e será que somos lúcidos e sadios?

E o que é sanidade? Ser inteiro, sem fragmentação na ação, na vida e em todos os relacionamentos – essa é a própria essência da sanidade. Sanidade significa ser íntegro, saudável e sagrado. Ser insano, neurótico, psicótico, desequilibrado, esquizofrênico, não importa o termo que se queira usar, é ser fragmentado e disperso na ação e no movimento de se relacionar com a própria existência. Cultivar antagonismo e divisões, que são os objetos de troca dos políticos que representam os cidadãos, é cultivar e sustentar a insanidade por intermédio dos ditadores ou

dos que assumem o poder em nome da paz ou de alguma ideologia. E o sacerdote: olhemos para o mundo do sacerdócio. O sacerdote se interpõe entre você e aquilo que ele e você consideram como sendo a verdade, a salvação, Deus, o céu, o inferno. Ele é o intérprete e o representante disso tudo; carrega consigo as chaves do céu; condiciona o ser humano por intermédio da crença, do dogma e do ritual; ele é o verdadeiro propagandista. E ele consegue condicioná-lo, porque você quer o conforto, a segurança e morre de medo do amanhã. E os artistas, os intelectuais, os cientistas tão admirados e bajulados – seriam eles lúcidos e sadios? Ou será que vivem em dois mundos diferentes – o mundo das ideias e o da imaginação com suas expressões compulsivas, totalmente separados da sua vida diária de prazer e dor?

O mundo que o circunda é fragmentado e sua expressão é o conflito, a confusão e a miséria: você é o mundo e o mundo é você. Sanidade é vida vivida na ação sem conflito. Ação e ideia são coisas contraditórias. O ato de ver já é o fazer e não a ideia de primeiro pensar em algo para depois programar a ação a partir de uma conclusão. Isso gera conflito. O analisador é o analisado. Quando o analisador se separa e se considera algo diferente do que está sendo analisado, ele cria o conflito que produz o desequilíbrio. O observador é o observado e nisso reside a sanidade e a totalidade sagrada que é o amor.

21 de setembro de 1973

É muito bom acordar sem um único pensamento e sem os problemas que eles criam. Só assim a mente fica em repouso e cria uma ordem interior que revela a importância do sono. A mente pode criar ordem nos relacionamentos e ações durante o estado de vigília, o que vai fazer com que repouse completamente enquanto você dorme ou, durante o sono, ela tentará organizar os seus assuntos diários segundo o que lhe pareça satisfatório. Durante o dia, haverá desordem causada por múltiplos fatores e durante a noite a mente tentará se livrar de toda essa confusão. A mente e o cérebro só podem funcionar eficiente e objetivamente quando há ordem. O conflito de qualquer natureza é o mesmo que desordem. Considere o que a mente experimenta todos os dias de sua vida: a tentativa de criar ordem durante o sono e a desordem que acontece durante o tempo em que você está acordado. Dia após dia, esse é o conflito da vida. O cérebro só funciona quando está em segurança e não diante da contradição ou da confusão. E assim, ele tenta encontrar essa segurança em alguma forma neurótica, mas isso só faz piorar o conflito. A ordem é a transformação de toda essa confusão. A ordem é completa quando o observador é o próprio observado.

Ao lado da casa, no pequeno beco sombreado e silencioso, uma menina chorava alto e aos gritos, do jeito que as crianças sabem fazer. Ela devia ter cinco ou seis anos,

mas miúda para sua idade. Sentada no chão, as lágrimas escorriam pela sua face. Ele se sentou perto dela e lhe perguntou o que estava acontecendo, mas ela não conseguia falar, pois os soluços embargavam sua respiração. Ela devia ter apanhado ou o seu brinquedo favorito tinha se quebrado ou algo que ela muito queria lhe tinha sido negado com rispidez. A mãe apareceu, sacudiu a criança e a levou para dentro. Ela mal olhou para ele, pois eram estranhos. Alguns dias depois, caminhando pelo mesmo beco, a criança saiu da casa, cheia de sorrisos, e caminhou com ele uma curta distancia. A mãe lhe dera a permissão de caminhar com um estranho. Ele passou a caminhar com frequência por aquele beco e a menina, seu irmão e irmã saiam para cumprimentá-lo. Será que um dia eles esquecerão suas mágoas e feridas, ou construirão para si resistências e escapes? Manter essas mágoas parece ser da natureza humana e, a partir disso, suas ações se tornam distorcidas. Será que a mente humana pode nunca ser ferida ou magoada? Não ser magoado é ser inocente. Se você não foi marcado pela mágoa, você naturalmente não magoará ninguém. Será que isso é possível? A cultura em que vivemos magoa profundamente a mente e o coração. O barulho e a poluição, a agressão e a competição, a violência e a educação – tudo isso e muito mais contribuem com esse estado de agonia. Contudo, temos de viver nesse mundo de brutalidade e resistência: nós somos o mundo e o mundo é o que somos. E o que é isso a que chamamos de mágoa? A imagem que cada um constrói para si mesmo, será isso o que podemos chamar de ferida? Estranhamente, essas imagens são sempre as mesmas por todo o mundo, com algumas modificações. A

essência da imagem que uma pessoa tem aqui é a mesma que a imagem de outra pessoa a milhares de quilômetros de distancia. E assim, cada um é como aquele homem ou aquela mulher. As feridas de um são as feridas de todos: você é o outro.

Seria possível nunca ser magoado? Onde há mágoa não há amor. Onde há ferida, então o amor é mero prazer. Quando se descobre por si mesmo a beleza de nunca ter sido magoado, só assim desaparecem todas as feridas do passado. Na totalidade do presente, o passado deixa de ser um peso.

Ele nunca se sentiu ferido, embora muitas coisas tenham acontecido a ele, elogios e insultos, ameaças e segurança. Isso não significava que ele era insensível, desconectado: ele não tinha nenhuma imagem de si mesmo, nenhuma conclusão, nenhuma ideologia. Imagem é resistência e quando não há isso, existe vulnerabilidade, mas não há mágoa. Não se pode buscar a condição de ser vulnerável ou de ser extremamente sensível, pois aquilo que é buscado e encontrado torna-se uma outra forma da mesma imagem. Compreenda esse movimento por inteiro, não só verbalmente, mas com a visão interior de um experimento. Perceba a estrutura completa disso, sem reservas. Veja que a verdade disso é o fim do construtor de imagens.

A fonte transbordava e atraia milhares de reflexos. A noite chegou e escancarou o firmamento.

22 de setembro de 1973

Uma mulher cantava na sala ao lado: ela tinha uma voz maravilhosa e os poucos que a escutavam estavam extasiados. O sol se punha por entre as mangueiras e palmeiras em tons fortes de dourado e verde. Ela cantava canções devocionais e sua voz ia ficando mais intensa e adocicada. Escutar é uma arte. Quando você escuta música clássica ocidental ou a essa mulher sentada no chão, pode surgir um estado romântico ou lembranças de coisas do passado, com suas associações que rapidamente vão mudando os humores ou evocando o futuro. Ou você escuta sem qualquer movimento do pensamento. Você escuta a partir de uma absoluta quietude, de um total silencio.

Escutar pensamentos ou o canto de um pássaro sobre um galho ou aquilo que está sendo dito, sem a resposta do pensamento, traz consigo um significado completamente diferente daquilo que vem com o movimento do pensamento. Essa é a arte de escutar, escutar com total atenção e sem um centro que esteja escutando.

O silêncio das montanhas tem uma profundidade não encontrada nos vales. Cada um tem seu próprio silêncio; o silêncio entre as nuvens e entre as árvores é completamente diferente; o silêncio entre dois pensamentos é infinito; o silêncio do prazer e da dor é tangível. O silêncio artificial que pode ser fabricado pelo pensamento é a morte; o silêncio entre dois ruídos é ausência de barulho, mas não é silêncio, assim como a ausência da guerra não

é a paz. Existe o silêncio escuro de catedrais e templos, permeado de idade e beleza, especialmente construído pelo ser humano; há o silêncio do passado e do futuro, o silêncio do museu e do cemitério. Mas nada disso é silêncio.

O homem estava sentado ali, imóvel, às margens do belo rio; ele ficara ali por mais de uma hora. Ele vinha todas as manhãs, tendo se banhado, para cantar em sânscrito e, naquele instante, ele parecia perdido em seus pensamentos; o sol não o perturbava, pelo menos o sol matutino. Um dia ele chegou e começou a falar sobre meditação. Ele não pertencia a nenhuma escola de meditação, pois as considerava sem utilidade e sem qualquer significado verdadeiro. Ele estava só, não tinha se casado e há muito tempo havia deixado para trás as coisas do mundo. Ele tinha controlado seus desejos, moldado seus pensamentos e vivido uma vida solitária. Não era amargo, vaidoso ou indiferente; ele tinha esquecido essas coisas há alguns anos atrás. Meditação e realidade eram a sua vida. Enquanto ele falava e tateava em busca das palavras certas, o sol se punha e um silêncio profundo pairou sobre todos. Ele parou de falar. Depois de algum tempo, quando as estrelas estavam bem próximas à terra, ele disse: "Esse é o silencio que eu estive buscando em toda parte: nos livros, nos instrutores e em mim mesmo. Encontrei muitas coisas, mas ainda não havia encontrado isso. Veio sem ser convidado, sem ser buscado. Será que desperdicei a minha vida em coisas sem importância? Você não faz ideia das coisas pelas quais passei, os jejuns, as privações e as práticas. Já havia visto a futilidade disso tudo há muito tempo, mas nunca presenciado a vinda desse

silêncio. O que fazer para permanecer nele, como sustentá-lo e preservá-lo em meu coração? Suponho que você diria para não fazer nada, pois não se pode invocá-lo. Será que devo continuar vagando por esse mundo, repetindo as coisas, exercendo o controle? Sentado aqui me dou conta desse silêncio sagrado; por intermédio dele contemplo as estrelas, essas árvores, o rio. Embora veja e sinta tudo isso, ainda não estou lá, realmente. Como você disse um dia desses, o observador é o observado. Agora vejo o que isso significa. A bem aventurança que eu buscava não está na ação de buscá-la. Chegou a hora de partir."

O rio enegreceu e as estrelas se refletiram em suas margens. Gradualmente os barulhos do dia foram se encerrando e os suaves ruídos da noite começaram. Você contemplava as estrelas, a terra escura e o mundo distante. A beleza, que é o amor, parecia descer sobre a terra e todas as coisas terrestres.

23 de setembro de 1973

Na parte baixa da margem do rio, ele estava de pé e sozinho; não era um rio muito largo e ele podia ver algumas pessoas na outra margem. Se estivessem falando alto, seria quase possível ouvi-las. Na estação chuvosa, o rio ia ao encontro das águas abertas do mar. Chovia há vários dias e o rio rompera as margens arenosas para se entregar ao mar. Por causa das chuvas pesadas as águas estavam limpas de novo e era seguro nadar ali. O rio era suficientemente largo para conter uma ilha longa, estreita e verde pela vegetação, algumas árvores baixas e uma pequena palmeira. Quando a água não estava muito profunda, o gado atravessava nadando para pastar ali. Era um rio amigável e agradável e essas virtudes estavam particularmente presentes naquela manhã.

Ele estava ali sem ninguém por perto, só, desapegado e distante. Ele devia ter quatorze anos ou menos. Fazia pouco tempo que eles haviam descoberto seu irmão e ele e todo aquele reboliço e repentina importância atribuída a eles o rondava*. Ele era um centro de respeito e devoção e nos anos seguintes seria colocado chefe de uma organização e de grandes propriedades. A dissolução de tudo isso ainda estava num futuro distante. Ficar de pé ali sozinho, perdido, e estranhamente distante foi a sua primeira

---

* Krishnamurti se refere à sua própria infância, em Adyar, perto de Chennai.

e mais duradoura lembrança daqueles dias e eventos. Ele não se recorda de sua infância, das escolas e das surras. Anos mais tarde, o próprio professor que lhe batera, contou-lhe que costumava fazer isso quase todos os dias; ele chorava e era levado para uma varanda até que a escola fechasse e o professor saísse e lhe mandasse ir para casa, pois até que o fizesse, o jovem ficava ali na varanda quieto e perdido. O professor disse que batia nele porque ele não conseguia estudar nem se lembrar de nada do que lia ou do que lhe era dito. Anos depois, aquele mesmo professor não podia acreditar que aquele menino era esse homem que havia proferido a palestra que acabara de ouvir. Sua reação foi ficar imensamente surpreso e desnecessariamente respeitoso. Todos aqueles anos se passaram sem deixar cicatrizes e memórias em sua mente; seus afetos e amizades, até mesmo aqueles anos passados com as pessoas que o maltrataram – por alguma razão, nenhum desses eventos, afetuosos ou brutais, deixaram marcas.

Mais recentemente, um escritor lhe perguntara se ele podia se lembrar de todos esses eventos tão estranhos, como ele e seu irmão tinham sido descobertos e vários outros acontecimentos, e quando ele respondeu que não conseguia se lembrar, mas apenas repetir as coisas que lhe foram contadas, o homem, num tom de sarcasmo e ironia, afirmara que ele estaria fingindo e dissimulando. Conscientemente, ele nunca bloqueou qualquer acontecimento, agradável, doloroso ou prazeroso de entrar em sua mente. Os acontecimentos chegavam e partiam sem deixar marcas.

A consciência é o seu próprio conteúdo: o conteúdo produz a consciência. Os dois são indivisíveis. Não existe

você e o outro, apenas o conteúdo que produz a consciência do que é 'eu' e o do que não é 'eu'. Os conteúdos variam de acordo com a cultura, com as acumulações raciais e com as técnicas e capacidades adquiridas. Essas coisas se fragmentam naquilo que é do artista, do cientista e assim por diante. As idiossincrasias são respostas dadas pelos condicionamentos e esses, por sua vez, são o fator comum no ser humano. Os condicionamentos são o conteúdo ou a consciência e essa última se biparte em consciente e o que se mantém escondido, inconsciente. O que se matem escondido se torna mais importante, porque nunca olhamos para isso em sua totalidade. Essa fragmentação se instala quando o observador não é o observado, quando o experimentador é visto como algo diferente da experiência. O escondido é o mesmo que o revelado; a observação – o escutar do que é revelado – é o mesmo que ver o que está escondido. Ver não é o mesmo que analisar. Ao analisar, cria-se o analista e o objeto analisado, uma fragmentação que conduz à inação, à paralisia. Na ação de ver, o observador desaparece e fica só a ação imediata; não há mais um intervalo entre a ideia e a ação. A ideia ou a conclusão é o observador – aquele que vê separado daquilo que está sendo visto. A identificação é um ato do pensamento e pensar é fragmentação.

A ilha, o rio e o mar ainda estão ali, assim como as palmeiras e as construções. O sol surgia rompendo um amontoado de nuvens, comprimido, mas galgando o firmamento. Vestidos em tangas, os pescadores lançavam suas redes para pegar uns peixinhos pintados. A pobreza involuntária é uma degradação. No final da tarde, era muito agradável estar por entre as mangueiras e as flores perfumadas. Como a terra é bela.

24 de setembro de 1973

Uma nova consciência e uma moralidade inteiramente nova são necessárias para provocar uma mudança radical na cultura e na estrutura social atuais. Isso é óbvio, contudo, a esquerda e a direita e os revolucionários parecem ignorar isso. A velha consciência é composta de dogma, fórmulas ou ideologias. Esses são os elementos fabricados pelo pensamento, cuja atividade é a fragmentação – a direita, a esquerda, o centro. Essa atividade levará inevitavelmente ao derramamento de sangue da direita, da esquerda ou do totalitarismo. É isso o que vemos acontecer à nossa volta. Percebe-se a necessidade de mudanças sociais, econômicas e morais, mas a resposta é dada pela velha consciência, aquela em que o pensamento é o fator principal. A desordem, a confusão e a miséria em que os humanos se meteram são parte integral da velha consciência e sem uma mudança profunda de tudo isso, cada atividade humana, seja ela política, econômica ou religiosa, só nos conduzirá à destruição uns dos outros e da terra. Isso é tão óbvio para quem é lúcido.

É preciso que cada um seja a luz para si mesmo; essa luz é a lei. Não há outra lei. Todas as outras leis são criadas pelo pensamento e, portanto, tão fragmentadas e contraditórias. Ser uma luz para si mesmo não é seguir a luz de outro, não importa quão razoável, lógica, histórica e convincente ela possa ser. Você não pode ser uma luz para si mesmo se estiver na sombra escura da autoridade, do

dogma e da conclusão. A moralidade não pode ser organizada pelo pensamento; ela não é o resultado da pressão imposta pelo ambiente em que se vive; tampouco pertence ao ontem ou à tradição. A moralidade é filha do amor e o amor não é nem desejo nem prazer. Prazer sensual ou sexual não é amor.

Nas partes mais elevadas das montanhas quase não havia pássaros; havia algumas gralhas, cervos e, talvez, ursos. As imensas sequoias, grandes seres silenciosos, estavam por toda parte, fazendo as outras árvores parecerem anãs. Era uma paisagem magnificente e absolutamente pacífica, pois a caça era proibida. Cada animal, cada árvore, cada flor estava protegido. Ao sentar-se sob uma dessas poderosas sequoias, percebia-se a história do ser humano e a beleza da terra. Um esquilo rechonchudo e vermelho passou elegantemente por ali, parou um pouco adiante, observando e indagando o que você estaria fazendo ali. A terra estava seca, apesar do regato que passava ali perto. Nem uma folha se mexia e a beleza do silencio passeava por entre as árvores. Seguindo vagarosamente pela trilha estreita, numa curva estava uma ursa com seus quatro filhotes, do tamanho de gatos grandes. Eles se apressaram em subir nas árvores e a mãe o encarou, sem qualquer movimento ou som. Alguns metros de distancia os separavam; ela era enorme, marrom e estava preparada. Imediatamente, você lhe virou as costas e foi embora. Cada um entendeu que não havia medo nem intenção de ferir, mas mesmo assim você estava contente por voltar para a proteção das árvores e ficar entre os esquilos e a ralhação dos pássaros.

Liberdade é ser uma luz para si mesmo; isso não é uma abstração nem uma coisa engendrada pelo pensamento. Liberdade verdadeira é liberdade da dependência, do apego e da necessidade de ter experiências. A liberdade da própria estrutura do pensamento é ser uma luz para si mesmo. Toda ação acontece dentro dessa luz e, portanto, a ação nunca é contraditória. A contradição só existe quando essa lei, a luz, está separada da ação, quando o ator está separado do ato. O ideal, o princípio, é o movimento infértil do pensamento e não pode coexistir com essa luz; um nega o outro. Essa luz, essa lei não pode coexistir com o eu; onde houver um observador, essa luz, esse amor, não pode estar presente. A estrutura do observador é engendrada pelo pensamento que nunca é novo nem livre. Não há um 'como', não há um sistema, não há uma prática. Só há ver, que é fazer. É preciso ver, mas não por intermédio dos olhos do outro. Essa luz, essa lei, nem é sua nem do outro. Só existe luz. Isso é amor.

25 de setembro de 1973

Através da janela, ele olhava para os morros verdes, arredondados, e para o bosque escuro que começavam a receber a luz do sol nascente. Era uma manhã bela e agradável, com nuvens brancas e magníficas se formando para além do bosque, como se fossem ondas em movimento. Talvez por isso, os antigos diziam que os deuses habitavam entre as nuvens e as montanhas. Essas nuvens imensas estavam por toda parte e contrastavam com o azul deslumbrante do céu. Ele não tinha um único pensamento e apenas contemplava a beleza do mundo. Ele devia ter estado ali naquela janela por algum tempo, até que algo inesperado e surpreendente aconteceu. Você não pode desejar ou convidar algo assim, seja de modo consciente ou inconscientemente. Tudo pareceu desaparecer dando lugar somente àquilo, o inominável. Você não encontra isso em nenhum templo, mesquita ou igreja nem em nenhuma página impressa. Você não encontrará isso em parte alguma e o que quer que você encontre não é isso.

Com tantas pessoas dentro daquela imensa estrutura perto do Golden Horn (Istambul), ele se sentou próximo a um mendigo com as vestes rasgadas, cabeça inclinada a pronunciar uma oração. Um homem começou a cantar em árabe. O cantor tinha uma voz maravilhosa que preencheu todo o imenso espaço com a sua cúpula, parecendo que tudo reverberava. A voz provocou um efeito especial

em todos os que estavam ali; eles escutavam as palavras e a voz com grande respeito, ao mesmo tempo em que pareciam encantados. Ele era um estranho entre eles; eles o olharam e depois o esqueceram. O vasto espaço estava cheio e silencioso naquele instante; todos iam completando o seu ritual e saiam, um a um. Somente ele e o mendigo ficaram; depois o mendigo também se foi. O imenso domo ficou silencioso, o edifício vazio e os ruídos da vida cotidiana estavam longe dali.

Se você já caminhou sozinho pelas montanhas, entre pinheiros e rochas, deixando tudo para trás no vale abaixo, quando não há um único sussurro por entre as árvores e cada pensamento desapareceu, então isso pode vir a você, o inominável. Se você tenta mantê-lo, isso jamais voltará outra vez; o que você mantém é a memória disso, morta e acabada. O que você mantém não é o real; sua mente e seu coração são pequenos demais e só podem conter em si as coisas do pensamento e essas são estéreis. Afaste-se do vale, vá para bem longe, deixe todas as coisas lá em baixo. Você pode voltar e pegá-las outra vez se quiser, mas elas terão perdido sua gravidade. Você jamais será o mesmo.

Depois de uma longa subida de algumas horas, para além da linha das árvores, ele estava ali entre as rochas e na presença do silêncio que só as montanhas possuem; havia alguns poucos pinheiros malformados. Não ventava e tudo estava absolutamente silencioso. Fazendo o caminho de volta, passando por entre rochas, ele ouviu de repente o ruído de um chocalho e deu um salto. Gorda e quase preta, a serpente estava ali bem perto. Com o chocalho no meio do corpo espiralado, ela estava pronta para

atacar. A cabeça triangular com a sua língua bifurcada a tremular para dentro e para fora, olhos negros e aguçados observando, ela estava pronta para atacar se ele chegasse mais perto. Durante aquela meia hora ou mais, ela não piscou um momento sequer, mantendo o olhar fixo e desprovido de pestanas. Desenrolando-se lentamente, mantendo a cabeça e o chocalho voltados para ele, ela começou a fazer movimentos ondulados e quando ele fez um gesto para se aproximar, ele voltou a se enrolar, instantaneamente, pronta para atacar. Jogaram esse jogo por alguns instantes; ela estava começando a ficar cansada e ele deixou que ela seguisse seu próprio caminho. Era realmente uma coisa amedrontadora, gorda e mortal.

Você tem que estar sozinho com as árvores, campos e regatos. Você nunca está sozinho se carrega consigo as coisas do pensamento, suas imagens e problemas. A mente não precisa estar cheia das rochas e das nuvens da terra. Ela precisa estar vazia, como se fosse um vaso que acabou de ser feito. Só assim você veria algo em sua totalidade, algo nunca visto anteriormente. E você não poderá ver isso se estiver ali; para ver você precisa morrer. Você pode pensar que você é a coisa mais importante do mundo, mas você não é. Você pode ter tudo que o pensamento já produziu, mas tudo isso que o pensamento produziu está decrépito, gasto e caindo aos pedaços.

No vale, o ar estava surpreendentemente fresco e, perto das cabanas, os esquilos já esperavam por suas nozes. Eles estavam sendo alimentados todos os dias, na cabana e sobre a mesa. Eles se tornaram muito amigáveis e se você não estivesse ali na hora certa, eles começavam a reclamar, enquanto os gaios azuis esperavam ruidosamente do lado de fora.

27 de setembro de 1973

Era um templo em ruínas, com seus corredores destelhados, portões, estátuas sem cabeça e quadras desertas. Tinha se transformado num santuário para pássaros e macacos, papagaios e pombos. Algumas das estátuas degoladas ainda conservavam uma sólida beleza. Elas preservavam uma dignidade silenciosa. O lugar estava surpreendentemente limpo e era possível sentar-se ao chão para observar o movimento dos macacos e a chilrada dos pássaros. Uma vez, há muito tempo atrás, o templo deve ter sido um lugar próspero, com milhares de devotos e suas guirlandas, incenso e orações. A atmosfera criada por esses devotos ainda estava ali, assim como as suas esperanças, medo e reverência. O santuário sagrado já havia desaparecido, há muito tempo atrás. À medida que esquentava, os macacos foram desaparecendo, mas os papagaios e os pombos tinham feito seus ninhos nos buracos e frestas, no alto das paredes. Esse velho templo em ruínas estava muito distante do povoado e preservado de uma maior destruição. Se os aldeões o frequentassem já teriam profanado aquele vazio.

A religião se transformou em superstição e adoração de imagens, crença e ritual. Perdeu a beleza da verdade; o incenso tomou o lugar da realidade. No lugar da percepção direta, temos agora a imagem esculpida pela mão ou pela mente. A única preocupação da religião é a transformação completa do ser humano. E o circo montado em

torno disso tudo é um absurdo total. E por essa razão a verdade não é encontrada dentro de templos, igrejas ou mesquitas, não importando quão belos eles possam ser. A beleza da verdade e a beleza feita de pedra são duas coisas diferentes. Uma abre a porta para o imensurável e a outra para o aprisionamento do ser humano; uma abre para a liberdade e a outra para a escravidão do pensamento. O romantismo e sentimentalismo negam a própria natureza da religião e esta última não é um brinquedo para o intelecto. O conhecimento na área da ação é necessário para o funcionamento objetivo e eficaz das coisas, mas o conhecimento não é o meio para a transformação do ser humano; o conhecimento é a própria estrutura do pensamento e o pensamento é a repetição estúpida do conhecido, não importando o quanto isso seja modificado ou ampliado. Não há liberdade nos caminhos que passam pelo pensamento, ou seja, pelo conhecido.

A longa serpente permanecia imóvel ao longo da margem seca dos campos de arroz, sensualmente verdes e brilhantes ao sol matinal. Provavelmente, estaria ali descansando ou esperando por uma rã descuidada. Rãs estavam sendo exportadas para a Europa para serem comidas como uma iguaria. A serpente era comprida, amarelada e muito quieta; ela era quase da cor da terra seca, difícil de ver, mas a luz do dia estava em seus olhos escuros. A única coisa que se movia, para dentro e para fora, era a sua língua preta. Ela não podia perceber o observador que estava posicionado por trás de sua cabeça. A morte estava em toda parte naquela manhã. Era possível ouvi-la na aldeia; os gritos e soluços, enquanto o corpo enrolado num pano estava sendo levado; o falcão lançava-se em

direção a um pássaro; algum animal estava sendo morto e era possível ouvir seus gritos de agonia. E assim acontece, dia após dia: a morte está sempre em toda parte, assim como o sofrimento.

A beleza da verdade e suas sutilezas não estão na crença nem no dogma; elas nunca estão onde o ser humano pode encontrá-las, pois não há um caminho para essa beleza; não é um ponto fixo nem um refúgio idílico. Ela tem a sua própria ternura, cujo amor não pode ser medido, possuído ou experimentado. Não tem um valor de mercado para ser usado e depois descartado. Essa beleza está ai quando a mente e o coração estão vazios das coisas do pensamento. O monge e o homem pobre não estão perto dela, nem o homem rico; tampouco o intelectual ou o talentoso podem tocá-la. Aquele que diz que conhece a beleza da verdade nunca chegou perto dela. Fique distante do mundo e, ainda assim, viva isso.

Naquela manhã, os papagaios gritavam e voavam em torno do pé de tamarindo; eles começaram cedo sua atividade incansável, com os seus ir e vir. Eles tinham um verde brilhante e bicos vermelhos, curvados e fortes. Nunca pareciam voar em linha reta, pois estavam sempre zigzagueando e gritando em pleno voo. Ocasionalmente, pousavam no parapeito da varanda; então, era possível observá-los, mas por pouco tempo; logo voariam outra vez, envolvidos com a algazarra de seu voo barulhento. Seus únicos inimigos parecem ser os seres humanos. Eles os engaiolam.

28 de setembro de 1973

O canzarrão preto acabara de matar uma cabra; ele fora severamente punido e amarrado e agora latia e lamentava-se. A casa tinha um muro alto à sua volta, mas a cabra, por alguma razão, conseguira perambular por ali, quando o cachorro a perseguiu e a matou. O dono da casa corrigiu o delito com palavras e dinheiro. Era uma casa grande, rodeada de árvores e o gramado nunca ficava totalmente verde, não importava o quanto fosse e regado. O sol era cruelmente forte e todas as flores e arbustos tinham de ser regados duas vezes ao dia; o solo era pobre e o calor do dia quase matava tudo que era verde. Contudo, as árvores grandes ofereciam uma sombra acalentadora e era possível se sentar ali, de manhã cedinho, quando o sol ainda estava bem atrás das árvores. Era um bom lugar para se sentar em silencio e meditação, mas não tão bom para se sonhar acordado ou se perder em alguma ilusão gratificante. Aquela sombra era severa demais, exigente demais, pois o lugar todo estava à serviço daquela contemplação silenciosa. Se alguém quisesse até poderia perseguir seus devaneios favoritos, mas logo descobriria que o lugar não convidava as imagens criadas pelo pensamento.

Ele estava sentado com um pano sobre a cabeça, chorando; sua mulher tinha acabado de morrer. Ele não queria mostrar suas lágrimas aos filhos; eles também estavam chorando, mas sem entender bem o que havia acontecido.

Aquela mãe de muitos filhos não esteve bem e, nos últimos tempos, ficou muito doente. O pai estava sentado à beira da cama. Parecia que ele não queria sair dali e, um dia, depois de algumas cerimônias, a mãe foi levada dali. A casa tinha ficado estranhamente vazia, sem o perfume que a presença da mãe trazia ao lugar; e a casa nunca mais seria a mesma, pois a tristeza agora morava ali. O pai sabia disso; os filhos tinham perdido alguém para sempre, mas até aquele instante ainda não conheciam o significado da dor.

A dor está sempre ali, você não pode simplesmente esquecê-la, você não pode disfarçá-la com alguma forma de entretenimento religioso ou de qualquer outro tipo. Você pode fugir dela, mas ela estará ali pronta para reencontrá-lo. Você pode entregar-se a alguma forma de adoração, oração ou a uma crença reconfortante, mas a dor voltará sem ter sido convidada. O florescimento da dor converte-se em amargura, cinismo ou em comportamentos neuróticos. Você pode ter uma conduta agressiva, violenta e desagradável, mas a dor está bem ali onde você está. Você pode ter poder, posição e os prazeres que o dinheiro compra, mas ela estará no seu coração, esperando e preparando-se. Faça o que você quiser fazer, mas não escapará dela. O amor que você tem acaba em dor; dor é tempo, dor é pensamento.

A árvore é cortada e uma lágrima é derramada; um animal é morto para atender ao seu gosto; a terra está sendo destruída para servir ao seu prazer; você está sendo educado para matar, destruir e dispor o ser humano contra o ser humano. As novas tecnologias e as máquinas assumem cada vez mais a labuta humana, mas você, talvez,

não pode pôr fim à dor através das coisas que o pensamento criou. Amor não é prazer.

Ela chegou trazendo consigo o desespero da dor; ela falava e despejava todas as coisas que tinha vivido: a morte, as futilidades de seus filhos, suas atitudes políticas, seus divórcios, suas frustrações, amarguras e a total nulidade de uma vida sem qualquer sentido. Ela já não era tão jovem; na juventude, tinha aproveitado a vida, tinha tido um leve interesse pela política, um diploma em economia e mais ou menos o mesmo tipo de vida que todo mundo deseja. Seu marido tinha falecido recentemente e toda dor do mundo parecia ter descido sobre ela. Ela ficou em silencio enquanto falávamos.

Qualquer movimento do pensamento serve para aprofundar o sofrimento. O pensamento, com suas memórias, com suas imagens de prazer e dor, com seu isolamento e lágrimas, com sua autopiedade e remorso é o solo fértil para o sofrimento. Escute o que está sendo dito. Apenas escute – diga não aos ecos do passado, ao querer superar o sofrimento e ao como escapar da tortura – apenas escute com o coração, com o ser inteiro ao que está sendo dito agora. Sua dependência e apego preparou o solo para o sofrimento. Ao negligenciar o conhecimento de si mesma e a beleza que isso traz, você alimentou seu sofrimento; todas as atividades centradas em si mesma a conduziram até esse sofrimento. Apenas escute o que está sendo dito: fique com isso, não se perca disso. Qualquer movimento do pensamento é o fortalecimento do sofrimento. Pensamento não é amor. Amor não tem sofrimento.

29 de setembro de 1973

As chuvas estavam quase no fim e o horizonte fluía com o movimento de grandes nuvens brancas e douradas; elas ascendiam em direção ao céu azul emoldurado de verde. As folhas de cada árvore e arbusto estavam lavadas e limpas, refletindo o brilho dourado do sol matinal. Era uma manhã de deleite, a terra se rejubilava e parecia haver uma bendição flutuando no ar. Do alto daquele aposento era possível ver o mar azul, o rio correndo em sua direção e as palmeiras e mangueiras. Era de ficar sem fôlego estar diante daquelas maravilhas da terra e das nuvens imensas. O dia estava começando e o silêncio ainda não tinha se encontrado com os ruídos do dia; sobre a ponte não havia tráfego, apenas uma longa fila de carros de boi carregados de feno. Anos mais tarde, viriam os ônibus com sua poluição e alvoroço. Era uma manhã adorável, cheia de sons melodiosos e bem-aventurança.

Os dois irmãos estavam indo de carro para a aldeia mais próxima para ver o pai, a quem não tinham visto por uns quinze anos ou mais. Eles tiveram que caminhar uma pequena distância devido à má conservação da estrada. Chegaram perto de um tanque ou um reservatório de água; todos os seus lados tinham degraus de pedras que levavam até a água limpa. Em um dos lados, havia um pequeno templo, com uma pequena torre quadrada que ia se estreitando no topo; havia muitas imagens de pedra ao seu redor. Na varanda do templo, voltada para aquele

reservatório, pessoas meditavam em total silêncio e pareciam com aquelas imagens na torre. Para além da água, bem atrás de algumas casas, ficava a casa onde o pai morava. Ele saiu quando os dois irmãos se aproximaram e o saudaram, prostrando-se completamente e tocando-lhe os pés. Eles eram tímidos e esperaram até que o pai lhes falasse, como era o costume. Antes de dizer qualquer coisa, ele voltou para dentro e lavou os pés que haviam sido tocados pelos dois rapazes. Ele era um brâmane ortodoxo e ninguém podia tocá-lo, a não ser um outro brâmane e os seus dois filhos tinham sido poluídos, ao se misturarem com outros que não eram da sua casta e por terem comido alimentos que não foram preparados por brâmanes. Sendo assim, ele lavou os pés e sentou-se ao chão, mas não muito perto dos seus filhos poluídos. Eles conversaram durante um tempo e se aproximou o momento em que a comida seria servida. O pai os dispensou, pois não poderia comer junto com eles; não eram mais brâmanes. Ele deveria sentir alguma afeição, uma vez que os rapazes eram filhos a quem o pai não via por tantos anos. Se a mãe estivesse viva, ela os teria alimentado, mas também não comeria com os seus filhos. Eles deviam ter uma grande afeição pelos filhos, mas a ortodoxia e a tradição proibiam que tivessem qualquer tipo de contato com eles. A tradição é muito forte, mais forte que o amor.

A tradição da guerra é mais forte que o amor; a tradição de matar para comer e matar os assim chamados inimigos nega a afeição e a ternura humana; a tradição de longas horas de trabalho é a origem da crueldade eficiente; a tradição do casamento logo se transforma em escravidão; as tradições do rico e do pobre os mantêm

separados; cada profissão tem a sua própria tradição e a sua própria elite que servem para criar inveja e inimizade. Por todo o mundo, as cerimônias e ritos tradicionais em locais de culto religioso, servem para separar o ser humano uns dos outros e as palavras e os gestuais estão desprovidos de significados. Os milhares de dias passados, não importam quão ricos e belos, negam o amor.

Cruzamos uma ponte raquítica e frágil para o outro lado do regato estreito e lamacento que se juntava ao grande rio; chegamos a um pequeno vilarejo de lama e tijolos secados ao sol. Havia uma quantidade de crianças gritando e brincando; os mais velhos estariam nos campos ou pescando ou trabalhando na cidade mais próxima. Numa sala escura, a abertura na parede deveria ser considerada como janela; as moscas não se sentiriam atraídas por aquela escuridão. Estava fresco ali dentro. Naquele pequeno espaço estava um tecelão com um tear enorme; ele não sabia ler, mas tinha sido educado, do seu próprio jeito, a ser polido e inteiramente absorvido em seu trabalho. Ele produzia tecidos extraordinários com belos padrões em ouro e prata. Qualquer que fosse a cor do tecido, de algodão ou seda, ele o teceria com os padrões tradicionais, da maneira mais delicada e bela. Ele era filho dessa tradição; de estatura pequena e amável, estava disposto a nos mostrar o seu talento maravilhoso. Com amor no coração, ficamos a admirá-lo e a observá-lo, enquanto ele produzia com fios de seda o mais delicado dos tecidos. Ali estava tecida uma peça de grande beleza, nascida da tradição.

30 de setembro de 1973

Era uma serpente longa e amarela atravessada na estrada e sob a figueira de bengala. Ele estava voltando de uma longa caminhada quando a viu. Começou a observá-la com atenção de cima de um morro; a serpente examinava os buracos por onde passava, sem perceber que estava sendo observada bem de perto. Gorda, ela tinha uma protuberância no meio de toda a sua extensão. Os aldeões que estavam voltando para casa pararam de falar para observá-la; um deles lhe disse que era uma naja e para ele tomar cuidado. A naja desapareceu em um buraco e ele terminou sua caminhada. Com a ideia de ver a naja outra vez, ele voltou ao mesmo local, no dia seguinte. A serpente não estava mais ali, mas os aldeões tinham colocado um prato raso cheio de leite, alguns cravos-de-defunto, uma pedra grande coberta de cinzas e mais algumas flores. Aquele lugar se transformou num espaço sagrado e todos os dias flores frescas seriam colocadas ali; todas as pessoas daquele vilarejo já sabiam que o lugar tinha se tornado sagrado. Vários meses mais tarde, ele voltou ali e havia leite fresco, flores frescas e a pedra tinha acabado de ser redecorada. E a figueira de bengala estava um pouquinho mais velha.

O templo estava voltado para o Mediterrâneo e seu mar azul; em ruínas, apenas as suas colunas de mármore branco permaneciam de pé. Fora destruído durante uma guerra, mas continuava sendo um santuário sagrado.

Durante o entardecer, com o dourado do sol refletido no mármore, você sentia essa atmosfera sagrada; você estava só, sem os visitantes ao redor com suas infindáveis tagarelices. As colunas se transformaram em ouro puro e o mar abaixo era intensamente azul. Uma estátua da deusa estava ali, preservada e trancada; só era possível vê-la durante determinados períodos de tempo e ela estava perdendo a beleza de sua sacralidade. Mas o mar azul perduraria.

Era uma casa de campo muito bonita e com um gramado que, durante muitos anos, estava sendo cuidado, aparado e liberado das ervas daninhas. A propriedade era muito bem cuidada, próspera e alegre; atrás da casa havia uma horta; era um lugar adorável, com um regato suave e silencioso que passava por ali. Quando a porta estava aberta, era sustentada por um peso com a forma de Buda que era chutado para cumprir sua função. O dono da casa não percebia o que estava fazendo; para ele, aquilo era um peso de porta. Seria possível indagá-lo se ele faria o mesmo com a estátua de alguém que ele reverenciasse, pois ele era cristão. Nega-se o que é sagrado para o outro, mas conserva-se aquilo que é sagrado para si mesmo; as crenças do outro são supersticiosas, mas as próprias crenças são razoáveis e reais. O que é sagrado?

Ele disse que a encontrara numa praia; era uma peça de madeira de lei, lavada e polida pelo mar e no formato de uma cabeça humana. As águas do mar a esculpiram e a purificaram durante muitas estações. Ele a trouxe para casa, colocou-a numa prateleira sobre a lareira, de modo a contemplá-la e admirar-se do que tinha feito. Um dia, ele colocou flores em volta da peça e passou a fazer isso

todos os dias; ele sentia um desconforto se não houves-
se flores frescas, diariamente, e aquela peça de madeira
esculpida foi se transformando numa coisa muito impor-
tante em sua vida. Só ele podia tocar na peça, por receio
de que outra pessoa poderia profaná-la e suas mãos eram
bem lavadas antes de tocá-la. Aquela peça de madeira ti-
nha se transformado numa entidade sagrada, divina, ten-
do ele como o seu sumo sacerdote. Ele a representava; ela
lhe dizia coisas que ele jamais poderia saber sozinho. Sua
vida estava preenchida com a presença daquela entidade
e ele se sentia indizivelmente feliz.

O que é sagrado? As coisas feitas pela mente ou pe-
las mãos ou pelo mar? O símbolo nunca é a coisa real; a
palavra 'capim' não é o capim que nasce nos campos; a
palavra 'deus' não é Deus. A palavra nunca traz em si a to-
talidade, não importando quão precisa e inteligente seja a
descrição. A palavra 'sagrado' não traz em si qualquer sig-
nificado; ela só se torna sagrada na sua relação com algo
ilusório ou real. O que é real não está contido nas palavras
da mente; a realidade e a verdade não podem ser toca-
das pelo pensamento. Onde está o percebedor, a verdade
não está. O pensador e o seu pensamento devem chegar
ao fim para que a verdade seja. Só então, aquilo que é se
torna sagrado – aquele mármore antigo com o brilho do
sol dourado, aquela serpente e o aldeão. Onde não existe
o amor, não existe nada sagrado. Amor é totalidade sem
fragmentação.

2 de outubro de 1973

A consciência é o seu próprio conteúdo; o conteúdo é consciência. Toda ação é fragmentada quando o conteúdo da consciência está desintegrado. A atividade que surge daí gera conflito, dor e confusão; o sofrimento é inevitável.

Daquelas alturas era possível ver os campos verdes, cada um separado do outro e com formatos, tamanhos e cores diferentes. Um rio ia ao encontro do mar; bem distante de tudo isso estavam as montanhas cobertas de neve. Espalhadas por toda a terra viam-se cidades grandes e vilarejos em expansão; nos morros, havia castelos, igrejas e casas e, bem distante de tudo isso, os grandes desertos marrons, dourados e brancos. E então, lá estava o mar azul outra vez e mais terra com densas florestas. A terra inteira era rica e bela.

Ele foi até ali esperando encontrar-se com um tigre e assim o fez. Os aldeões chegaram para contar ao seu anfitrião que, na noite anterior, o tigre tinha matado uma novilha e voltaria naquela noite para matar outra vez. Será que eles gostariam de ir ver? Eles construiriam uma plataforma sobre uma árvore, de onde seria possível ver o grande matador, e também amarrariam uma cabra à árvore, de modo a assegurar que o tigre viesse. Ele disse que não gostaria de ver a cabra sendo morta para o seu prazer. E assim o assunto foi cancelado. Contudo, mais tarde, naquele mesmo dia, quando o sol já se escondia atrás dos morros, seu anfitrião desejou dar uma volta

de carro, esperando que o acaso os conduzisse ao tigre que havia matado a novilha. Dirigiram alguns quilômetros para dentro da floresta; foi ficando escuro e os faróis já estavam ligados quando voltaram. Tinham perdido todas as esperanças de ver o tigre nesse regresso, mas, no momento em que fizeram uma curva, lá estava ele, apoiado nos quadris, no meio da estrada, imenso, listrado, os olhos brilhando diante dos faróis. O carro parou e ele veio na direção deles, rugindo e balançando o carro com os seus rugidos; o tigre era surpreendentemente grande e a sua longa cauda com a ponta preta, se movia de um lado para o outro. Estava aborrecido. A janela estava aberta e quando o grande felino passou rugindo, ele colocou a mão para fora, de modo a tocar essa grande energia da floresta, mas seu anfitrião apressadamente puxou seu braço de volta para dentro do veículo, explicando que o tigre poderia ter arrancado o seu braço. Era um animal magnífico, cheio de majestade e poder.

Lá embaixo, naquela terra, havia tiranos negando a liberdade aos humanos, ideólogos modelando as mentes de homens e mulheres, sacerdotes com seus séculos de tradição e crenças escravizando seres humanos; os políticos com suas promessas infindáveis estavam criando corrupção e divisões. Ali embaixo, o ser humano é apanhado nas armadilhas dos conflitos e dos sofrimentos sem fim e das luzes brilhantes do prazer. Tudo parece ser inteiramente sem sentido – a dor, a labuta e as palavras dos filósofos. Morte e infelicidade e trabalho árduo, o ser humano contra o ser humano.

Essa variedade complexa, as modificações nos padrões de prazer e dor, são o conteúdo da consciência humana,

modelado e condicionado pela cultura que o nutriu, com suas pressões religiosas e econômicas. A liberdade não está contida nos limites da consciência; na realidade, o que é aceito como liberdade é uma prisão aparentemente suportável, por conta do desenvolvimento da tecnologia. Nessa prisão há guerras que se tornam cada vez mais destrutivas com o apoio da ciência e do lucro. A liberdade não se encontra ao se mudar de prisão nem ao se trocar de guru, com a sua autoridade absurda. Autoridade não traz a sanidade da ordem. Ao contrário, promove a desordem e é nesse solo que cresce a autoridade. Liberdade não existe em fragmentos. Uma mente não fragmentada, uma mente que é um todo é livre. Ela não sabe que é livre; o que é conhecido está contido no tempo, do passado para o presente e o futuro. Todo movimento é tempo e o tempo não é um fator da liberdade. Liberdade de escolha nega a liberdade; só há escolha onde há confusão. Clareza de percepção é estar livre da dor da escolha. A ordem total é a luz da liberdade. Essa ordem não é filha do pensamento, pois a toda a atividade do pensamento cultiva a fragmentação. O amor não é um fragmento do pensamento nem do prazer. A percepção disso é inteligência. Amor e inteligência são inseparáveis e daí flui a ação que não gera dor. Ordem é a sua base.

3 de outubro de 1973

Fazia frio no aeroporto àquela hora da manhã. O sol começava a aparecer. Todos estavam agasalhados e os pobres carregadores tremiam de frio; havia os barulhos rotineiros de um aeroporto, o ruído ensurdecedor dos jatos, pessoas falando alto, as despedidas e as decolagens. O avião estava cheio de turistas, homens de negócios e outras pessoas indo para a cidade sagrada, com a sua sujeira e superpopulação. Naquele instante, o sol matinal tingia de rosa a vasta extensão dos Himalaias; voávamos para o sudeste e por centenas de quilômetros esses picos imensos pareciam estar suspensos no ar, irradiando uma majestosa beleza. O passageiro ao lado estava absorto em seu jornal; no outro lado do corredor, uma mulher concentrava-se em seu rosário; os turistas falavam alto e tiravam fotos uns dos outros e das montanhas distantes; cada um estava ocupado com seus próprios assuntos e não tinham tempo para observar e maravilhar-se com a terra e seu rio sinuoso e sagrado nem com a beleza sutil daqueles picos elevados que iam se tingindo de cor de rosa.

Num assento mais atrás, sentava-se um homem que estava sendo tratado com considerável respeito; ele não era jovem, parecia ser um acadêmico, ágil e bem vestido. Era de se indagar se ele já teria visto a glória dessas montanhas. Naquele instante, ele se levantou e veio em

direção ao passageiro ao nosso lado, perguntando-lhe se poderia trocar de assento com ele. Em seguida, sentou-se, apresentou-se e perguntou se poderia falar conosco. Ele falava um inglês hesitante e escolhia as palavras cuidadosamente, dando a entender que não estava muito familiarizado com o idioma; sua voz era clara e suave e era muito agradável em seus modos. Ele começou dizendo que era uma pessoa afortunada por estar viajando naquele avião e pela oportunidade daquela conversa. "É claro, que eu ouvi falar do senhor na minha juventude e só recentemente ouvi a sua última palestra, a meditação e o observador. Eu sou um acadêmico, um pundit, praticando o meu próprio tipo de meditação e disciplina."

As montanhas começavam a se distanciar no horizonte oriental e abaixo de nós o rio começava a desenhar padrões amplos e amistosos.

"O senhor disse que o observador é o observado, o meditador é a meditação e só há meditação quando não há o observador. Eu gostaria de entender isso. Para mim a meditação tem sido o controle do pensamento, fixando a mente no absoluto."

O controlador é o controlado, não é assim? O pensador é os seus pensamentos. Sem as palavras, imagens e pensamentos, existe um pensador? O experimentador é a experiência; sem experiência não há experimentador. O controlador do pensamento é feito de pensamento; ele é um dos fragmentos do pensamento, chame-o do que quiser; o agente separado, não importa quão sublime pareça ser, ainda é um produto do pensamento; a atividade do pensamento é sempre 'de fora', separada, sempre produz fragmentação.

"Será que a vida pode ser vivida sem o exercício do controle? Ele é a essência da disciplina."

Quando é visto que o controlador é o controlado, um fato absoluto, de verdade, só então surge um tipo de energia totalmente diferente que transforma o que é. O controlador jamais pode mudar o que é; ele pode controlar, suprimir, modificar ou fugir do que é, mas jamais pode ir além ou se colocar acima do que é. A vida pode e deve ser vivida sem o exercício do controle. Uma vida controlada nunca é saudável; isso gera conflito, miséria e confusão infindáveis.

"Esse é um conceito absolutamente novo."

Deve-se ressaltar que isso não é uma abstração, uma fórmula. Só existe o que é. O sofrimento não é uma abstração; alguém poderá extrair uma conclusão do que acha que ele seja ou criar um conceito e uma estrutura verbal, mas nada disso será o que o sofrimento é. Ideologias não tratam do que é real; só existe o que é. E isso jamais pode ser transformado quando o observador se separa do observado.

"Essa é a sua experiência direta disso?"

Seria extremamente inútil e estúpido se isso fosse mera estrutura verbal do pensamento; falar sobre isso seria hipocrisia.

"Eu gostaria muito de descobrir junto com o senhor o que é a meditação, mas agora não há mais tempo e já vamos aterrissar."

Havia guirlandas na chegada e o céu invernal estava intensamente azul.

4 de outubro de 1973

Quando era menino, ele gostava de se sentar sob uma imensa árvore, perto de um lago onde cresciam lótus cujas flores eram cor-de-rosa e tinham um cheiro forte. Abrigado na espaçosa sombra daquela árvore, ele podia observar as cobras verdes e finas, os camaleões, os sapos e as cobras-d'água. Seu irmão, juntamente com outros, vinham para levá-lo para casa*. Embaixo da árvore era um lugar agradável, com o rio e o lago por perto. Tudo parecia ser tão espaçoso e, ali mesmo, a árvore conquistara o seu próprio espaço. Tudo precisa de espaço. Numa tarde calma, todos aqueles pássaros sobre os fios elétricos, simetricamente empoleirados em seus lugares, abriam o espaço para acolher o firmamento.

Os dois irmãos se sentavam, juntamente com muitos outros, naquele quarto cheio de quadros; havia um cântico em sânscrito e depois o completo silêncio; era hora da meditação vespertina. O irmão mais jovem dormia, virando-se de lado e só acordando quando todos os outros se levantavam para sair. O quarto não era muito grande e em suas paredes havia pinturas, as imagens do sagrado. No confinamento estreito de um templo ou de uma igreja, o ser humano dá forma ao vasto movimento do espaço. Isso é assim em toda parte; na mesquita, o espaço é sustenta-

---

* Krishnamurti está descrevendo sua própria infância.

do nas linhas graciosas de palavras desenhadas. O amor precisa de grandes espaços.

Serpentes e ocasionalmente pessoas vinham até aquele lago; havia degraus de pedra que levavam até a água onde cresciam os lótus. O espaço que a mente cria é mensurável e, portanto, limitado; culturas e religiões são produtos dessa limitação. A mente se preenche com o pensamento e é feita de pensamentos; sua consciência é a estrutura do pensamento e dentro dela há pouquíssimo espaço. Contudo, esse espaço é o movimento do tempo, daqui para lá, do centro para a periferia da consciência, estreitando ou expandindo. O espaço que o centro cria para si mesmo é a sua própria prisão. Os seus relacionamentos emergem dessa estreiteza, embora seja necessário o espaço para se viver; mas o espaço da mente nega o viver. Viver no confinamento e na estreiteza do centro é luta, dor e tristeza e isso nada tem a ver com viver.

O espaço, a distância entre você e a árvore, é a palavra, o conhecimento, coisas que pertencem ao tempo. O tempo é o observador que cria a distância entre ele mesmo e as árvores, entre ele mesmo e o que é. Sem o observador cessa a distância. A identificação com as árvores, com o outro ou com uma fórmula é a ação do pensamento em seu desejo de se sentir seguro e protegido. A distância é entre um ponto e outro e, para percorrê-la, o tempo é necessário; a distância só existe onde houver direção, para dentro ou para fora. O observador cria o sentido de separação, a distância entre ele mesmo e o que é; e disso surge o conflito e a dor. A transformação do que é só acontece quando não há separação e não há tempo entre o que vê e o que é visto. O amor não tem distância.

O irmão mais novo morreu e não havia qualquer movimento, em nenhuma direção para longe da dor. Esse não movimento é o fim do tempo. O rio começava por entre os montes, percorria sombras esverdeadas e com um rugido ia ao encontro do mar e seus horizontes infinitos. Os seres humanos vivem em caixas com gavetas, em imensas propriedades e dizem não ter espaço; eles são violentos, brutais, agressivos e perniciosos; eles se separam e se destroem uns aos outros. O rio é a terra e a terra é o rio; um não pode existir sem o outro.

As palavras podem não ter fim, mas a comunicação pode ser verbal e não verbal. Escutar a palavra é uma coisa e escutar o silêncio sem palavra é outra coisa; a primeira é irrelevante, superficial e leva à inércia; a outra é ação sem fragmentação e o florescimento da bondade. As palavras erigem belíssimas paredes, mas nenhum espaço. Lembranças, imaginações são a dor do prazer e o amor não é prazer.

A serpente verde, longa e delgada estava ali naquela manhã; era delicada e quase camuflada pelas folhas; ficara ali, imóvel, observando e esperando. A cabeça grande do camaleão estava à mostra, o corpo apoiado sobre um galho, suas cores a mudar frequentemente.

6 de outubro de 1973

Na grande extensão de um campo verde, havia uma única árvore; ela era antiga e extremamente respeitada pelas outras árvores, ao longo de uma colina. Sua solidão era mais poderosa que o regato ruidoso, as colinas em volta e o chalé do outro lado da ponte de madeira. Era impossível não admirá-la ao passar por ela, mas ao regressar, podia-se olhar para ela mais demoradamente. Seu tronco era bastante grosso, profundamente enraizado na terra, sólido e indestrutível. Seus galhos eram longos, escuros e sinuosos e sua sombra era abundante. Ao entardecer, ela se recolhia em si mesma, inabordável, mas durante o dia, ela se abria em abraços de boas vindas. Era uma árvore íntegra e intocada por um machado ou uma serra. Num dia ensolarado, você se sentava à sua sombra, sentia sua idade venerável e, porque você estava sozinho com ela, você percebia sua profundidade e a beleza da vida.

O aldeão idoso e cansado passou, enquanto você estava ali a contemplar o por do sol sobre a ponte. Ele estava quase cego, mancava e carregava uma trouxa em uma das mãos; na outra, tinha uma bengala. Era uma dessas tardes quando as cores do por do sol ficavam impressas em cada pedra, árvore e arbusto; era como se a grama e os campos tivessem a sua própria luz interior. O sol desapareceu por trás de um morro arredondado e no meio dessa extravagância de cores, havia o nascimento da estrela vespertina. O aldeão parou, olhou para aquela exuberância de cores

é para você. Olharam-se mutuamente e, sem dizer palavra, o aldeão arrastou-se penosamente adiante. Naquela comunicação houve afeto, ternura e respeito, não aquele respeito tolo, mas o respeito dos verdadeiramente religiosos. Naquele instante, o tempo e o pensamento deixaram de existir. Você e ele eram totalmente religiosos e não corrompidos pela crença, imagem, palavra ou pobreza. Com frequência, passavam um pelo outro naquela estrada ladeada por morros de pedra e, todas as vezes que se olhavam, havia a alegria da percepção plena e total.

Ele vinha do templo que ficava do outro lado da rua, acompanhado de sua esposa. Estavam em silencio, profundamente tocados pelos cânticos e pelo culto. Por acaso você estava caminhando atrás deles, e você percebeu neles os sentimentos de reverência e a força da determinação em levar uma vida religiosa. Mas isso logo passaria, quando fossem levados a encarar a responsabilidade pelos filhos, filhos esses que já vinham correndo em direção a eles. Ele deveria ter uma boa profissão e devia ser uma pessoa competente, pois tinha uma casa grande. O peso da existência o afogaria e, embora frequentasse assiduamente o templo, a batalha continuaria.

A palavra não é a coisa; a imagem ou o símbolo não é o real. Realidade, verdade, não são palavras. Expressar o real em palavras acaba com ele, a ilusão toma seu lugar. O intelecto pode rejeitar todas as estruturas da ideologia e da crença e também as armadilhas e o poder que as acompanham; contudo, a razão pode justificar qualquer crença ou ideação. A razão é a ordem do pensamento e o pensamento é a resposta do mundo exterior. Por ser do mundo exterior, o pensamento cria o mundo interior. Ninguém

pode viver unicamente do mundo exterior e o mundo interior se transforma numa necessidade. Essa divisão é o campo onde a batalha entre o "eu" e o "não eu" é travada. O mundo exterior é o deus das religiões e das ideologias; o mundo interior tenta se adaptar a essas imagens e o conflito é o resultado de tudo isso.

Não há interior nem exterior, mas unicamente a totalidade. O experimentador é o experimentado. Fragmentação é insanidade. Essa totalidade não é uma mera palavra; a totalidade é quando a divisão entre interior e exterior deixa de existir, completamente. O pensador é o pensamento.

Repentinamente, enquanto você caminha, sem um único pensamento, mas apenas observando sem um observador, você se dá conta de uma sacralidade que o pensamento nunca foi capaz de conceber. Você para, observa os pássaros, as árvores, os passantes; aquilo não é uma ilusão ou algo com o qual a mente se ilude a si mesma. Aquilo está ali nos seus olhos, no seu ser inteiro. A cor da borboleta é a borboleta.

As cores impressas pelo sol começavam a desaparecer e, antes que escurecesse, uma tímida lua nova mostrou-se a si mesma, antes de desaparecer por trás do morro.

7 de outubro de 1973

Era uma daquelas chuvas na montanha, que duram três ou quatro dias e trazem consigo um clima mais frio. A terra estava encharcada e pesada e todos os caminhos escorregadios; pequenas cascatas escorriam das encostas íngremes e o trabalho no campo havia sido interrompido. As árvores e as plantações de chá já se ressentiam daquele encharcamento; o sol não tinha aparecido por mais de uma semana e estava ficando muito frio. As montanhas, com seus picos nevados e gigantescos, ficavam mais ao norte. As bandeiras em volta dos templos estavam pesadas pela chuva; elas tinham perdido o seu deleite e suas cores vibrantes ao flutuar na brisa. Havia trovões e relâmpagos e os estrondos eram levados de vale em vale; uma densa neblina escondia os lampejos afiados da luz.

Na manhã seguinte, a clareza e a ternura de um céu azul estavam ali e os grandes picos, silenciosos e eternos, surgiam iluminados pelo sol matinal; um vale profundo se colocava entre a aldeia e as elevadas montanhas; uma neblina azul escura o preenchia. Bem à frente, agigantando-se naquele céu claro, estava o segundo mais elevado pico dos Himalaias. Seria quase possível tocá-lo, embora estivesse a milhas de distância; era fácil esquecer a distância, pois ele estava ali, em toda sua majestade, tão absolutamente puro e imensurável. Ao final da manhã, já havia desaparecido, escondendo-se nas nuvens escuras que partiram do vale. Ele só se mostrou de manhã cedo e

desapareceu algumas horas mais tarde. Não é de se estranhar que os antigos buscavam seus deuses nessas montanhas, no trovão e nas nuvens. A divindade de suas vidas ancorava-se na bendição oculta e inabordável dessas neves distantes.

Os discípulos vieram convidá-lo para ir ver o seu guru; uma recusa polida lhes era sempre oferecida, mas eles sempre voltavam, esperando que você mudasse de ideia ou aceitasse o convite, cansado daquela insistência. Assim, ficou decidido que o guru viria com alguns dos seus discípulos escolhidos.

Era uma rua pequena e barulhenta; as crianças jogavam críquete ali; elas seguravam os bastões e usavam velhos tijolos para fazer as marcações. Gritando e rindo, jogavam alegremente sem nenhuma pressa, somente parando para um carro que passava, pois o motorista respeitava a brincadeira. Dia após dia, as crianças brincavam e, naquela manhã, estavam especialmente barulhentas, quando o guru chegou carregando uma bengala pequena e polida.

Estávamos sentados num colchonete fino sobre o chão quando ele entrou e nos levantamos para lhe ceder o lugar. Ele se sentou com as pernas cruzadas, colocando a bengala à sua frente; aquele colchonete fino parecia lhe conceder um lugar de autoridade. Ele havia encontrado a verdade, experimentando-a e, portanto, era alguém que sabia e estava abrindo a porta para nós. O que ele dizia era lei para si mesmo e para os outros; o outro era um buscador, ao passo que ele já encontrara a verdade. Se alguém estivesse perdido em sua busca, ele o ajudaria ao longo do caminho, mas era preciso obedecer. Calmamente,

dissemos a ele que toda a busca e realização não fazia qualquer sentido, a menos que a mente estivesse livre de todos seus condicionamentos; a liberdade é o primeiro e o último passo; a obediência a qualquer autoridade, no que diz respeito à mente, é ser aprisionado pela ilusão e pela ação que gera o sofrimento. Ele sentiu pena de nós, mostrou-se preocupado e com uma ponta de aborrecimento, como se fossemos levemente demente. Em seguida disse: "A maior de todas e a derradeira experiência me foi concedida e nenhum buscador pode recusar isso."

Se a realidade ou verdade é para ser experimentada, então ela é apenas uma mera projeção da mente. O que é experimentado não é a verdade, mas uma criação da própria mente.

Os discípulos do guru começaram a ficar agitados e nervosos. Seguidores destroem seus instrutores e a si mesmos. O guru se levantou e foi embora, seguido pelos seus discípulos. As crianças ainda brincavam na rua, alguém acertou a bola e foi ovacionado com gritos e palmas.

Não há um caminho para a verdade, histórica ou religiosamente. Ela não é para ser experimentada ou descoberta por intermédio da dialética; não é para ser vista em fugazes opiniões e crenças. Você chega à verdade quando a mente é livre de todas as coisas que ela mesma criou.

Aquele pico majestoso é um milagre da vida.

8 de outubro de 1973

Os macacos estavam por toda parte naquela calma manhã; na varanda, sobre o telhado e na mangueira – uma tropa deles; eram daquela variedade de pelo amarronzado e caras vermelhas. Os pequeninos ficavam perseguindo uns aos outros por entre as árvores e não muito distantes de suas mães; o grande macho estava por ali, sentado e sozinho, supervisionando toda a tropa. Deviam ser uns vinte macacos. Eles eram bem destrutivos e à medida que o sol ia esquentando, desapareciam na mata mais densa, longe das habitações humanas; o macho era o primeiro a partir e os outros o seguiam silenciosamente. E então, os papagaios e os corvos chegavam, com a costumeira algazarra, anunciando suas presenças. Havia um corvo que chamava ou fazia o que corvos fazem, com uma voz rouca, à mesma hora do dia, repetindo sem parar esse chamado, até que alguém o tocasse dali. Dia após dia, ele repetia o seu desempenho; o seu chamado rouco penetrava profundamente na sala e isso fazia parecer que todos os outros ruídos haviam se calado. Esses corvos evitam lutas violentas entre si, são rápidos, muito observadores e eficientes quanto à própria sobrevivência. Parecia que os macacos não gostavam deles. Aquele seria um belo dia.

Ele era um homem magro, rijo, com uma cabeça bem formada e olhos que não sabiam sorrir. Estávamos sentados em um banco voltado para o rio e à sombra de um

tamarindeiro, o lar de muitos papagaios e de um casal de corujas que se banhava ao sol matinal.

Ele disse: "Passei muitos anos meditando, controlando meus pensamentos, jejuando e comendo apenas uma refeição por dia. Eu tive um emprego de assistente social, mas desisti dele, há muito tempo atrás, pois descobri que era um tipo de trabalho que não resolvia o problema mais profundo da humanidade. Há muitas pessoas que continuam fazendo esse tipo de trabalho, mas não é mais uma atividade para mim. O mais importante para mim agora é compreender o total significado e a profundeza da meditação. Todas as escolas de meditação advogam algum tipo de controle; eu tenho praticado sistemas diferentes, mas parece não haver um fim pra tudo isso."

Controle significa divisão, o controlador e a coisa a ser controlada; essa divisão, como toda divisão, traz consigo o conflito e a distorção, no comportamento e na ação. Essa fragmentação é o trabalho do pensamento, um fragmento tentando controlar as outras partes, podendo você chamar esse fragmento de "o controlador" ou dar-lhe qualquer outro nome que lhe convenha. Essa divisão é artificial e malévola. Na verdade, o controlador é o controlado. Em sua própria natureza, o pensamento é fragmentado e isso causa confusão e sofrimento. O pensamento dividiu o mundo em nacionalidades, ideologias e seitas religiosas, as grandes e as pequenas. O pensamento é a resposta da memória, experiência e conhecimento armazenados no cérebro e ele só pode funcionar eficiente e sadiamente, quando tem segurança e ordem. Para sobreviver fisicamente, o pensamento se protege de todos os perigos; a necessidade de uma sobrevivência externa é bem fácil

de entender, mas a sobrevivência psicológica é algo inteiramente diferente, é a sobrevivência da imagem que o pensamento criou. O pensamento dividiu a existência em interior e exterior e dessa separação surgem o conflito e o controle. Crenças, ideologias, deuses, nacionalidades e conclusões são essenciais para a sobrevivência dessa existência interior, além de criarem guerras inenarráveis, violência e sofrimento. O desejo de que sobreviva essa existência interior, com suas incontáveis imagens, é uma doença, é desarmonia. O pensamento é desarmonia. Todas as suas imagens, ideologias e verdades são contraditórias e destrutivas. Independentemente de suas conquistas tecnológicas, o pensamento criou o caos e os prazeres que logo se transformam em desespero, tanto interna quanto externamente. Ser capaz de notar isso na sua vida diária, ver e ouvir o movimento do pensamento é a transformação que a meditação realiza. Essa transformação não é a do 'eu' se tornando um 'eu superior', mas é a transformação do conteúdo da consciência; a consciência é o seu conteúdo. A consciência do mundo é a sua consciência; você é o mundo e o mundo é você. Meditação é a transformação completa do pensamento e de suas atividades. A harmonia não é um fruto do pensamento; ela vem com a percepção da totalidade.

A brisa matinal tinha ido embora e nem uma folha se movia; o rio tinha ficado quieto e os ruídos vindos da outra margem atravessavam sua amplitude. Até os papagaios silenciaram.

9 de outubro de 1973

Era um trem de bitola estreita que parava em quase todas as estações, onde vendedores de café e chá, cobertores e frutas, doces e brinquedos gritavam os nomes de suas mercadorias. Dormir era quase impossível e, pela manhã, todos os passageiros tomaram um barco que cruzava as águas rasas do mar até a ilha. Ali, um trem estava esperando para levar todos os passageiros para a capital, atravessando a paisagem verde de matas e palmeiras, plantações de chá e vilarejos. Uma terra agradável e feliz. Era quente e úmida à beira-mar, mas nos morros, onde estavam as plantações de chá, era mais fresco e sentia-se no ar o cheiro de um tempo antigo, vivido com simplicidade e pouca gente. Mas na cidade, como em todas as cidades, havia barulho, sujeira, a sordidez da pobreza e a vulgaridade do dinheiro; no porto, havia navios de todas as partes do mundo.

A casa ficava numa parte isolada e havia um fluxo constante de pessoas que vinham para saudá-lo com guirlandas e frutos. Um dia, um homem lhe perguntou se ele queria ir ver um bebê elefante e fomos vê-lo, naturalmente. Ele tinha duas semanas de vida e nos foi dito que a mãe estava nervosa e era muito protetora. O carro nos levou para fora da cidade, passando pela esqualidez e sujeira de um rio amarronzado e pelo vilarejo em suas margens. Árvores altas e pesadas circundavam o lugar. A mãe imensa e escura, juntamente com o seu bebê estavam ali. Ele ficou por ali durante várias horas, até que a mãe se

acostumasse com a sua presença; ele tinha de ser apresentado, de modo a ter a permissão de tocar em sua tromba e alimentá-la com algumas frutas e cana de açúcar. A parte sensível ao final da tromba estava pedindo mais e maçãs e bananas iam direto para sua boca. O bebê recém-nascido estava de pé, balançando sua pequena tromba por entre as pernas da mãe. Ela era uma pequena réplica de sua mãe imensa. Finalmente, a mãe lhe deu permissão para tocar o bebê; sua pele não era tão áspera e sua tromba estava em constante movimento, muito mais ativa do que o resto do corpo. A mãe observava continuamente e o tratador tinha de assegurá-la, de vez em quando, de que tudo estava bem. Era um bebê brincalhão.

A mulher entrou na pequena sala profundamente angustiada. Seu filho tinha morrido na guerra: "Eu o amava muito e era meu único filho; ele tinha tido uma boa educação e prometia ser uma pessoa talentosa e de bom caráter. Ele foi morto e por que isso tinha que acontecer a ele e a mim? Havia um afeto real e amor entre nós. Uma crueldade que isso tenha sido assim." Ela soluçava e parecia que suas lágrimas não teriam um fim. Ela segurou a mão dele na sua e ficou mais calma, o suficiente para poder escutar.

Gastamos muito dinheiro na educação de nossos filhos; cuidamos tão bem deles, que ficamos profundamente apegados; eles preenchem a nossa solidão e neles encontramos a nossa realização e um sentido de continuidade. Por que somos educados? Para nos transformarmos em máquinas tecnológicas? Para passar a vida trabalhando e morrer num acidente ou de uma doença dolorosa? Essa é a vida que a nossa cultura e a nossa religião criaram para nós. Por todo o mundo, esposas e mães choram; a

guerra ou a doença levou seus maridos ou filhos. Será que o amor é apego? Será que o amor é a agonia da perda e as lágrimas? É solidão e sofrimento? É autopiedade e a dor da separação? Se você amasse o seu filho, cuidaria para que nenhum filho, de quem quer que fosse jamais fosse morto numa guerra. Já aconteceram milhares de guerras e mães e esposas nunca totalmente negaram os meios que levam à guerra. Você chora de agonia e apoia, involuntariamente, os sistemas que produzem a guerra. O amor não conhece a violência.

O homem explicou porque estava se separando de sua esposa. "Éramos muito jovens quando nos casamos e, depois de alguns anos, as coisas começaram a não dar certo, em todos os aspectos, sexualmente, mentalmente e parecíamos inadequados um para o outro. No começo, nos amávamos, mas gradualmente isso foi se transformando em ódio; a separação se tornou necessária e os advogados estão cuidando disso."

Amor é prazer e a insistência do desejo? Amor é sensação física? Atração, e seu preenchimento, é amor? Amor é uma mercadoria do pensamento? Uma coisa inventada acidental e circunstancialmente? É companheirismo, gentileza e amizade? Se qualquer uma dessas coisas se coloca como sendo a mais importante, então não é amor. O amor é tão final quanto a morte.

Há uma trilha que leva até as montanhas, passando por bosques, pastagens e espaços abertos. Há um banco antes de começar a subida e nele um casal de idosos está sentado, olhando para o vale iluminado pelo sol; eles vêm até ali com frequência. Sentam-se ali sem dizer palavra, silenciosamente contemplando a beleza da terra. Eles esperam a vinda da morte. E a trilha continua em direção à neve.

10 de outubro de 1973

As chuvas vieram e foram embora; os seixos imensos e arredondados reluziam ao sol matinal. Os leitos secos dos rios agora estavam cheios e a terra se rejubilava mais uma vez. O solo estava mais avermelhado, cada arbusto e lâmina de grama ainda mais verde e as árvores de raízes profundas soltavam novos brotos. O gado engordava e os aldeões não estavam tão magros. Esses morros são tão velhos quanto a própria terra e os imensos seixos pareciam ter sido cuidadosa e equilibradamente colocados ali. Mais para o leste, havia um morro que tinha o formato de uma grande plataforma onde um templo quadrado foi construído. As crianças da aldeia caminhavam vários quilômetros para aprender a ler e escrever; ali estava uma criança sozinha, com o rosto brilhando, indo para a escola no vilarejo vizinho, levando um caderno numa mão e a merenda na outra. Com um olhar tímido e indagador, ela parou quando passamos e se ficasse ali parada se atrasaria para a escola. Os campos de arroz estavam surpreendentemente verdes. A manhã seria longa e pacífica.

Dois corvos lutavam no ar, gralhando enfurecidos um com o outro; não tinham muito apoio no ar e assim desceram para o chão para continuar a briga. Penas começaram a voar e a luta foi ficando séria. Repentinamente, uns doze corvos desceram sobre eles e puseram um fim à luta. Depois de muita algazarra e gralhadas, todos desapareceram por entre as árvores.

A violência está em toda parte, entre os mais educados e os mais primitivos, entre os intelectuais e os sentimentalistas. Nem a educação nem as religiões organizadas foram capazes de amansar o ser humano; ao contrário, se tornaram responsáveis pelas guerras, torturas, campos de concentração e pela matança de animais, na terra e no mar. Quanto mais o homem progride, mais cruel parece se tornar. A política se transformou em um reduto de quadrilhas que se opõem mutuamente; o nacionalismo é um estimulador de guerras; há as guerras econômicas, ódios pessoais e violência. O ser humano parece não aprender com a experiência e o conhecimento e a violência em suas mais variadas formas se perpetua. Que lugar o conhecimento tem na transformação do ser humano e da sociedade?

A energia despendida na acumulação do conhecimento não mudou a humanidade; isso não pôs um fim à violência. A energia gasta em milhares de explicações do por que o ser humano é tão agressivo, brutal e insensível, não pôs um fim à sua crueldade. A energia gasta em análises de sua destruição insana, seu prazer pela violência, sadismo e intimidação não transformou o ser humano em alguém atencioso e gentil. Apesar de todos os livros e palavras, ameaças e punições, o ser humano continua com a sua violência.

A violência não está apenas na matança, na bomba e na mudança revolucionária por intermédio do derramamento de sangue; ela é mais profunda e mais sutil. Conformidade e imitação são indicações de violência; imposição e aceitação de uma autoridade são indicações de violência; ambição e competição são expressões de agressão e

crueldade e a comparação leva à inveja, com sua animosidade e ódio. Onde houver conflito, interior ou exterior, haverá a base para o desenvolvimento da violência. A divisão, em todas as suas formas, traz em si conflito e dor.

Você sabe disso; você leu sobre as ações da violência, você viu a violência em si mesmo e à sua volta, ouviu coisas sobre ela e, ainda assim, ela não teve um fim. Por quê? As explicações e causas do comportamento violento não têm um significado real. Se você é tolerante com a violência, estará desperdiçando a energia que precisaria para transcendê-la. Você precisa de toda a sua energia para encarar e transcender a energia que está sendo desperdiçada com a violência. Controlar a violência é outra forma de violência, uma vez que o controlador é o controlado. Quando a atenção é total e a energia plena, a violência, em todas as suas formas, chega ao fim. Atenção não é uma palavra nem uma fórmula abstrata do pensamento, mas uma ação cotidiana. Ação não é uma ideologia, pois se a ação procede de uma ideologia, então conduzirá à violência.

Depois das chuvas, o rio segue circundando os seixos imensos, passando pelas cidades e aldeias e, não importa quão poluído ele esteja, seu movimento vai limpando a si mesmo, ao correr pelos vales, campos e desfiladeiros.

12 de outubro de 1973

Mais uma vez, um guru bem conhecido veio visitá-lo. Estávamos sentados em um jardim murado e adorável; o gramado era verde e bem aparado, havia roseiras, ervilhas doces, tagetes de um amarelo brilhante e outras flores do norte oriental. O muro e as árvores mantinham os ruídos dos poucos carros que passavam à distância; no ar circulava o perfume de muitas flores. À noite, uma família de chacais saia de seu esconderijo sob uma árvore; eles escavaram um buraco largo onde a mãe tinha tido três filhotes. O bando parecia bem sadio e, logo depois que o sol se punha, a mãe saía com os filhotes, mas os mantinha perto das árvores. Havia lixo atrás da casa e eles iriam procurar alguma coisa ali, mais tarde. Havia também uma família de mangustos; todas as noites, a mãe, com seu focinho rosado e cauda longa e grossa, saía de seus esconderijos seguida de dois filhotes, um atrás do outro, sem se distanciar do muro. Eles vinham até o fundo da cozinha onde, às vezes, se deixava alguma coisa para eles. Os mangustos deixavam o quintal livre de cobras. Eles e os chacais pareciam nunca ter se encontrado por ali, mas se tivessem, concordariam em manter a paz.

Alguns dias antes, o guru avisara que gostaria de fazer-lhe uma visita. Ele chegou e seus discípulos o sucederam, um após o outro. Tocaram-lhe os pés, em sinal de grande respeito. Eles também queriam tocar os pés do outro homem, mas ele não permitiu que fizessem isso; ele lhes

disse que seria algo degradante, mas a tradição e a esperança do paraíso eram demasiadamente fortes neles. O guru não entraria na casa, pois havia feito votos de nunca entrar numa casa de pessoas casadas. Naquela manhã, o céu estava intensamente azul e as sombras alongadas.

"Você nega ser um guru, mas você é um guru dos gurus. Desde sua juventude, eu o tenho observado e o que você diz é a verdade que poucos compreenderão. Para muitos somos necessários, pois estariam perdidos, se não fosse assim; nossa autoridade salva os tolos. Somos os intérpretes; tivemos nossas experiências; nós sabemos. A tradição é uma proteção e são muito poucos aqueles que podem se sustentar sozinhos e encarar a realidade nua e crua. Você está entre os abençoados, mas nós devemos caminhar com a multidão, cantar suas canções, respeitar os nomes sagrados e espargir a água benta, o que não significa que somos inteiramente hipócritas. Eles precisam de ajuda e nós estamos aqui para oferecê-la. E se me é permitido perguntar, o que é a experiência daquela realidade absoluta?"

Os discípulos ainda estavam entrando e saindo, desinteressados da conversação e indiferentes ao ambiente circundante e à beleza da flor e da árvore. Uns poucos sentavam sobre o gramado e escutavam, esperando não ser perturbados. Uma pessoa culta e refinada está sempre descontente com a sua cultura.

A realidade não é para ser experimentada. Não há um caminho que leve até ela nem uma palavra que possa dizer o que ela é; não é algo para ser buscado e encontrado. Pela busca, o que se encontra é a corrupção da mente. A

palavra verdade não é a verdade; a descrição não é o que foi descrito.

"Os nossos ancestrais nos falaram de suas experiências, de sua iluminação na meditação, de sua supraconsciência e de sua realidade sagrada. E se me permite perguntar, devemos deixar tudo isso de lado e também seus sublimes exemplos?"

Qualquer autoridade em meditação é a própria negação do que ela é. Todo o conhecimento, os conceitos e os exemplos nada têm a ver com a meditação. A completa eliminação do meditador, do experimentador, do pensador é a própria essência da meditação. Essa liberdade é a ação diária da meditação. O observador é o passado, seu fundamento é o tempo, seus pensamentos, imagens e sombras estão aprisionadas no tempo. O conhecimento é o tempo e a liberdade do conhecido é o florescimento da meditação. Não há um sistema e, portanto, não há um caminho que leve à verdade ou à beleza da meditação. Seguir o outro, o seu exemplo e a sua palavra é o mesmo que banir a verdade. Somente no espelho do relacionamento você pode ver a face daquilo que é. O que vê é o que está sendo visto. Sem a ordem que a virtude cria a meditação e as infindáveis afirmações dos outros não fazem o menor sentido e são completamente irrelevantes. A verdade não tem uma tradição e não pode ser passada adiante.

Sob o sol, o cheiro das ervilhas doces era muito forte.

13 de outubro de 1973*

O avião estava cheio e voávamos suavemente a uma altura de trinta e sete mil pés. O mar ia ficando para trás ao nos aproximarmos da terra; bem abaixo de nós estava o mar e a terra; os passageiros não paravam de falar e de beber e de ficar folheando revistas; e depois haveria o filme. Era um grupo barulhento que precisava ser entretido e alimentado; dormiram, roncaram e seguraram as mãos. A terra logo ficou encoberta por massas de nuvens, de horizonte a horizonte, espaço e profundidade e o ruído das conversas. Entre a terra e o avião havia um tapete infinito de nuvens brancas e acima um céu de um azul suave. No assento ao lado da janela, você estava inteiramente desperto, observando as nuvens mudarem de forma e a luz branca pairando sobre elas.

A consciência tem profundidade ou é apenas uma excitação superficial? O pensamento pode imaginar sua profundidade, pode afirmar que tem profundidade ou apenas considerar as ondulações superficiais. Teria o pensamento qualquer profundidade? A consciência é feita do seu próprio conteúdo; o seu conteúdo é também a sua fronteira. O pensamento é a atividade do que é exterior e em certos idiomas o termo pensamento significa o lado de fora. A importância que é dada às camadas ocultas da consciência também é algo superficial, sem qualquer

* Roma.

profundidade. O pensamento pode criar para si mesmo um centro, como o ego, o "eu", e esse centro não tem nenhuma profundidade; palavras não são profundas, não importando a maneira astuciosa ou sutil como são reunidas. O "eu" é uma fabricação do pensamento na palavra e na identificação; o "eu", buscando ser profundo na ação e na existência, não tem qualquer significado; todas as suas tentativas para estabelecer um relacionamento profundo acabam na multiplicação de suas próprias imagens, cujas sombras ele considera profundas. As atividades do pensamento não têm profundidade; seus prazeres, seus medos e suas dores são superficiais. A própria palavra superfície indica que há alguma coisa abaixo, um grande volume de água ou algo muito raso. Uma mente rasa ou uma mente profunda são palavras do pensamento e o pensamento é sempre superficial. O volume por trás do pensamento é a experiência, o conhecimento, a memória, coisas que já se foram, apenas para serem relembradas, para serem consideradas ou não.

Bem abaixo de nós, lá na distante terra, um rio largo se estendia com suas curvas amplas, passando no meio de fazendas espalhadas e, nas estradas sinuosas, formigas fervilhavam. As montanhas estavam cobertas de neve e os vales verdes envoltos em sombras profundas. O sol estava bem à frente e descia no mar quando o avião pousou nas emanações e ruídos de uma cidade em expansão.

Haverá uma profundidade para a vida, para a existência? Será que todo relacionamento é superficial? Será o pensamento capaz de descobrir isso? O pensamento é o único instrumento que o ser humano tem cultivado e aprimorado e quando isso é negado como um meio para

compreender a profundidade da vida, a mente encontra outra saída ou tenta encontrar outros meios. Levar uma vida fútil logo se torna algo cansativo, enfadonho e sem sentido e, a partir disso, surge a busca constante de prazer, medos, conflitos e violência. Perceber os fragmentos que o pensamento produziu e a atividade desses fragmentos em sua totalidade é fim do pensamento. A percepção da totalidade só é possível quando o observador, que é um dos fragmentos do pensamento, não está ativo. Então, ação é relacionamento e nunca produz conflito e sofrimento.

Só o silêncio tem profundidade, assim como o amor. O silêncio não é um movimento do pensamento nem o amor. Só assim as palavras "profundo" e "superficial" perdem o sentido. Não há medidas para o amor nem para o silêncio. Só o tempo e o pensamento podem ser medidos; pensamento é tempo. A medida é necessária, mas quando o pensamento aplica isso na ação e nos relacionamentos, então a confusão e a desordem começam. A ordem não é mensurável, apenas a desordem é.

O mar e a casa estavam silenciosos, assim como os morros ao fundo e as flores do campo na primavera.

17 de outubro de 1973*

O verão tinha sido quente e seco, com chuvas ocasionais; os gramados começavam a ficar amarronzados, mas as árvores altas e de folhagem densa estavam felizes e as flores floresciam. Por muitos anos, a terra não tinha visto um verão tão quente e os fazendeiros estavam contentes. Nas cidades, as condições eram terríveis, com o ar poluído e o calor nas ruas apinhadas. As castanheiras já começavam a ficar ligeiramente marrons e os parques estavam cheios de pessoas com crianças a correr e a gritar por toda parte. No campo, tudo era muito belo; havia sempre paz na terra e o rio pequeno e estreito, frequentado por cisnes e patos, era uma fonte de encantamento. O romantismo e o sentimentalismo estavam cuidadosamente encerrados nas cidades e, aqui, no interior do campo, com suas árvores, prados e regatos, havia beleza e deleite. Havia uma estrada que atravessava um bosque salpicado de sombras e cada folha sustentava aquela beleza, que também estava em cada folha cadente e lâmina de grama. Beleza não é uma palavra nem uma reação emocional; não é suave, nem é para ser distorcida ou moldada pelo pensamento. Quando a beleza está presente, todo movimento e ação, em qualquer forma de relacionamento, é inteiro, sadio e santo. Quando a beleza, o amor, não existe, o mundo enlouquece.

* Krishnamurti ficou em Roma até o dia 29 de outubro.

Na pequena tela, o pregador, com palavras e gestos cuidadosamente cultivados, dizia que sabia que o seu salvador, o único salvador, estava vivo. Se ele não estivesse vivo, não haveria esperança para o mundo. A forma agressiva como gesticulava, afastava quaisquer dúvidas e indagações, uma vez que ele sabia que você deveria atentar para o que ele sabia, pois o conhecimento dele é o seu conhecimento e a sua convicção. O movimento calculado de seus braços e a palavra inflamada eram a substância e o encorajamento para sua audiência, composta de jovens e velhos, que estava ali boquiaberta, enfeitiçada e em adoração às imagens de suas próprias mentes. Uma guerra acabara de começar e nem o pregador nem a sua grande audiência se importavam com isso, pois as guerras devem continuar, além de ser algo que faz parte da cultura de todos eles.

Mais tarde, na mesma tela, mostraram o que os cientistas estavam fazendo, suas maravilhosas invenções, seu extraordinário controle do espaço, o mundo do amanhã e máquinas novas e complexas; as explicações de como as células se formam, os experimentos com animais, vermes e moscas. O estudo do comportamento dos animais foi divertida e cuidadosamente explicado. Com esse estudo os acadêmicos poderão entender melhor o comportamento humano. Os resquícios de uma antiga cultura foram explicados; as escavações, os vasos cerâmicos, os mosaicos cuidadosamente preservados e as paredes em ruínas; o maravilhoso tempo do passado, seus templos, suas glórias. Muitos e muitos volumes já foram escritos sobre as riquezas, as pinturas, a crueldade e as grandezas do passado, seus reis e seus escravos.

Um pouco mais tarde, foi mostrada a guerra real e devastadora no deserto e entre morros cobertos de mata, os tanques imensos e jatos voando baixo, o barulho e a matança calculada; e os políticos falando de paz, mas encorajando a guerra em todas as partes da terra; mostraram mulheres que choravam e o desespero dos feridos, crianças acenando com bandeiras e sacerdotes entoando bênçãos.

As lágrimas da humanidade não lavaram o desejo humano de matar. Nenhuma religião foi capaz de acabar com a guerra; ao contrário, todas elas têm encorajado a guerra e abençoado os seus armamentos; elas criaram a divisão nas pessoas. Governos se isolam e prezam esse isolamento. Cientistas são apoiados por governos. O pregador está perdido em suas palavras e imagens.

Você chorará, mas educará seus filhos para matar e serem mortos. Você aceitará isso como uma forma de viver; o seu compromisso é com a sua própria segurança; esta é o seu deus e o seu sofrimento. Você cuida tão bem dos seus filhos, tão generosamente, mas em seguida, você se vê tão entusiasticamente querendo que eles sejam mortos. Na tela, eles mostraram bebês focas, com olhos enormes, sendo mortos.

A função da cultura é transformar o ser humano completamente.

Ao longo do rio, patos mandarins perseguiam uns aos outros esparramando água, e as sombras das árvores se refletiam na água.

18 de outubro de 1973

Há uma longa oração pela paz em sânscrito. Ela foi escrita há muitos e muitos anos atrás, por alguém para quem a paz era uma absoluta necessidade e, talvez, a sua vida cotidiana estivesse enraizada nisso. Ela foi escrita antes do traiçoeiro veneno do nacionalismo, do poder imortal do dinheiro e da insistência no mundanismo que a industrialização da vida produziu. A oração se volta para a paz duradoura:

> *Que haja paz entre os deuses, no céu e através das estrelas; que haja paz na terra, entre os seres humanos e os de quatro patas; que não magoemos uns aos outros; que sejamos generosos uns com os outros; que expressemos a inteligência que guiará nossas vidas e nossas ações; que haja paz na nossa oração, nos nossos lábios e no nosso coração.*

Nessa paz, não se menciona a individualidade; isso só aconteceu tempos depois. Agora tudo se refere a nós mesmos – nossa paz, nossa inteligência, nosso conhecimento, nossa iluminação. Os sons dos cânticos em sânscrito parecem criar um efeito estranho. Num templo, uns cinquenta sacerdotes cantavam em sânscrito e dava a impressão de que as paredes vibravam.

Há uma trilha que atravessa o campo verde e brilhante, levando a um bosque iluminado pelo sol e para além

dele. Raramente alguém visita essa área de bosque permeada de luz e sombras. É um lugar cheio de paz, silencioso e isolado. Há esquilos e, ocasionalmente, um veado a observar com cautela e logo desaparecer; sobre um galho, os esquilos observam você e, às vezes, reclamam. Esse bosque tem o perfume do verão e o cheiro da terra úmida. Há árvores imensas, velhas e cobertas de musgos; elas dão as boas vindas à você e você sente a ternura de sua acolhida. Cada vez que você se senta ali, olha para o alto através das folhas e galhos, para o céu maravilhosamente azul, aquela paz e acolhimento estão ali aguardando você. Você entrou nessa floresta com outras pessoas, mas havia indiferença e silêncio; as pessoas estavam conversando, desinteressadas e ignorando a grandeza e dignidade das árvores; elas não tinham qualquer tipo de relacionamento com as árvores e, provavelmente, nenhum relacionamento umas com as outras. O relacionamento entre as árvores e você era completo e imediato; elas e você eram amigos e, sendo assim, você era amigo de cada árvore, arbusto e flor sobre a terra. Você não estava ali para destruir e havia paz entre as árvores e você.

A paz não é um intervalo entre o fim e o começo de um conflito, de uma dor, de um sofrimento. Não há governo que possa promover a paz; a paz vinda daí é a da corrupção e da decadência; a ordem da lei que governa um povo gera a degeneração, pois não está preocupada com todas as pessoas da terra. Tiranias nunca podem manter a paz, pois elas destroem a liberdade: paz e liberdade estão juntas. Matar o outro pela paz é a estupidez das ideologias. Você não pode comprar a paz; ela não é a invenção de um intelecto; não é algo a ser comprado com orações ou por

intermédio de barganhas. A paz não está em um edifício sagrado, nem em um livro, nem em uma pessoa. Ninguém pode levar você até ela, nem guru, nem sacerdote, nem símbolo.

Na meditação ela está. Meditação, em essência, é o movimento da paz. Não é um fim a ser alcançado; não é criada pelo pensamento ou pela palavra. A ação da meditação é inteligência. Meditação não é nenhuma dessas coisas que você foi ensinado, nem que tenha experimentado. Abandonar o que você aprendeu ou experimentou é meditação. Estar livre do experimentador é meditação. Quando não há paz no relacionar-se, não há paz na meditação; é uma fuga para a ilusão e para quimeras imaginativas. Meditação não pode ser demonstrada ou descrita. Você não julga a paz. Você pode se dar conta dela se ela está ali, em meio as suas atividades cotidianas, na ordem e na virtude de sua vida.

Nuvens pesadas e a neblina estavam presentes naquela manhã; vai chover. Vários dias se passaram até que foi possível ver o sol outra vez. Mas quando você voltou ao bosque, em nada diminuíra a paz e as boas vindas. Havia uma quietude absoluta e uma paz incompreensível. Os esquilos estavam escondidos e os grilos estavam silenciosos nos campos e, para além dos morros e vales, estava o mar agitado.

19 de outubro de 1973

O bosque permanecia adormecido. O caminho sinuoso que o atravessava estava escuro. Nada se movia; o longo crepúsculo começava a desaparecer e o silencio da noite cobria a terra. O murmúrio do regato, tão insistente durante o dia, aceitava a vinda da noite e sua quietude. Através das pequenas aberturas entre as folhas das árvores, viam-se as estrelas, brilhantes e muito próximas. A escuridão da noite é tão necessária quanto a luz do dia. As árvores acolhedoras agora estavam recolhidas e distantes; estavam por toda parte, mas isoladas e inabordáveis; elas dormiam e não deviam ser perturbadas. Nessa escuridão silenciosa havia crescimento e florescimento, uma reunião de forças para ir ao encontro de um dia vibrante. A noite e o dia são essenciais; ambos dão vida e energia para todos os seres vivos. O ser humano é o único a desperdiçar isso.

O sono é muito importante, um sono sem muitos sonhos e sem muita agitação. Quando se dorme, muitas coisas acontecem, não só no corpo físico, mas no cérebro também, a mente é o cérebro; eles são um só, um movimento unitário. O sono é absolutamente necessário para toda essa estrutura. Durante o sono, ordem, ajustes e percepções profundas acontecem; quanto mais silenciosa é a condição do cérebro, mais profundas são as percepções. O cérebro precisa de segurança e ordem para funcionar harmoniosamente, sem resistência. A noite oferece isso e, durante o sono calmo e profundo, acontecem estados

e movimentos que o pensamento jamais poderá alcançar. Sonhos são perturbações; eles distorcem a percepção total. A mente se rejuvenesce durante o sono.

Contudo, talvez você diga que os sonhos são necessários; que se você não sonha, enlouquece; que eles são úteis, reveladores. Há sonhos superficiais e sem qualquer sentido; há sonhos significativos e existe o estado sem sonhos. Sonhos são a expressão de nossa vida diária em diferentes formas e símbolos. Se não houver harmonia e ordem em nossa vida diária e nos relacionamentos, então os sonhos são continuação dessa desordem. Durante o sono, o cérebro tenta encontrar uma ordem para essa confusa contradição. Nesse luta constante entre ordem e desordem, o cérebro se desgasta. Mas ele precisa de segurança e ordem para poder funcionar e, portanto, crenças, ideologias e outros conceitos neuróticos se tornam necessários. Transformar a noite em dia é um desses hábitos neuróticos; as futilidades presentes no mundo moderno depois do cair da noite são fugas de dias de rotina e tédio.

A percepção total da desordem no relacionamento, tanto no nível privado quanto público, na proximidade ou na distância, a percepção do que é, sem qualquer escolha, durante as horas conscientes do dia, cria ordem a partir da desordem. Desse modo, o cérebro não precisa buscar ordem durante o sono. Então os sonhos são apenas superficiais e sem nenhum significado. Quando a divisão entre observador e observado cessa completamente, a ordem acontece, na totalidade da consciência e não apenas no nível consciente. O que é, é transcendido quando o observador, que é o passado, que é o tempo, deixa de existir. O

presente ativo, o que é, não está aprisionado no tempo como o observador está.

Somente quando a mente, o cérebro e o organismo, experimenta essa ordem total durante o sono existe a percepção desse estado sem palavras, desse movimento atemporal. Isso não é um sonho fantasioso nem a abstração de uma fuga. É a própria essência da meditação. Ou seja, o cérebro está sempre ativo, acordado ou durante o sono; contudo, o constante conflito entre ordem e desordem exaure o cérebro. Ordem é a forma mais elevada de virtude, de sensibilidade, de inteligência. Quando existe essa grande beleza da ordem, a harmonia, o cérebro não fica incessantemente ativo; certa parte dele precisa carregar o peso da memória, mas essa é uma parte muito pequena; o resto do cérebro fica livre dos ruídos da experiência. Essa liberdade é a ordem, a harmonia do silêncio. Essa liberdade e os ruídos da memória se movem juntos; inteligência é a ação desse movimento. Meditação é a liberdade do conhecido, embora operando no campo do conhecido. Não há "eu" como operador. Durante o sono ou na vigília, a meditação permanece.

Vagarosamente, a trilha foi deixando o bosque para trás e, de horizonte a horizonte, o firmamento estava cheio de estrelas. Nos campos, nada se movia.

20 de outubro de 1973

É o ser vivo mais antigo na terra. Gigantesco na proporção, na altura e no vasto tronco. Entre as outras sequoias, que também eram antigas, essa se destacava pela sua altura; as outras árvores tinham sido tocadas pelo fogo, mas essa não tinha qualquer marca. Ela tinha passado por todas as coisas feias da história, todas as guerras do mundo, todas as trapaças e sofrimentos humanos, pelo fogo e por relâmpagos, todas as tempestades do tempo, incólume, majestosa, absolutamente só e com uma dignidade extraordinária. Incêndios teriam ocorrido, mas a casca dessas sequoias era capaz de resistir ao fogo e sobreviver. Os turistas barulhentos ainda não haviam chegado e você podia ficar sozinho com essa grande e silenciosa árvore; a sequoia elevava-se aos céus, imensa e eterna, enquanto você se sentava sob ela. Os seus muitos anos lhe concederam a dignidade do silencio e o distanciamento que veio com as eras. Tão silenciosa quanto a sua mente, tão calma quanto o seu coração e vivendo sem o peso do tempo. Você estava atento para a compaixão jamais tocada pelo tempo e para a inocência que nunca conheceu o sofrimento e a tristeza. Ali sentado, o tempo desapareceu e não voltou nunca mais. Só havia imortalidade, pois a morte nunca existira. Nada existia a não ser aquela árvore imensa, as nuvens e a terra. Você foi ao encontro daquela árvore, se sentou com ela diariamente e, cada dia, durante muitos dias, ela era uma bendição que você só se dava

conta quando se afastava dali. Você nunca poderia voltar ali pedindo por mais, nunca existiu o mais; o mais estava no vale abaixo e além. E porque não era um santuário feito pela mão do homem, havia uma sacralidade insondável que jamais o abandonaria, pois não lhe pertencia.

De manhã bem cedinho, quando o sol ainda não tocava o topo das árvores, o veado e o urso estavam ali; observamo-nos mutuamente, de olhos bem abertos e indagativos; a terra era nosso bem comum e o medo estava ausente. Os gaios azuis e os esquilos vermelhos logo chegariam; o esquilo era manso e amigável; você tinha nozes nos bolsos e o esquilo ia pegá-las em sua mão; quando o esquilo já tinha comido o suficiente, os dois gaios desciam dos galhos e a gritaria se encerrava. Começou o dia.

No mundo do prazer, a sensualidade se tornou uma coisa muito importante. O sabor predomina e logo o hábito do prazer assume o controle; apesar de causar danos ao organismo, o prazer domina. O prazer dos sentidos, do pensamento astuto e sutil, das palavras, das imagens da mão e da mente é a cultura da educação, o prazer da violência e o prazer do sexo. O ser humano é moldado na forma do prazer e toda a existência, religiosa ou outra qualquer, é a busca de prazer. Os exageros desenfreados do prazer são o resultado de um conformismo moral e intelectual. Quando a mente não é livre nem desperta, então a sensualidade se transforma num fator de corrupção e isso é o que vemos no mundo contemporâneo. O prazer do dinheiro e do sexo predomina. Quando o ser humano se transforma numa entidade de segunda mão, a expressão da sensualidade é a sua liberdade. Então o amor é desejo e prazer. O entretenimento organizado, seja ele

religioso ou comercial, trabalha para a imoralidade pessoal e social; você deixa de ser responsável. Responder com inteireza a qualquer desafio é ser responsável e completamente comprometido. Isso não acontece quando a própria essência do pensamento é fragmentação e a busca do prazer, em todas as suas formas sutis e óbvias, é o principal movimento da existência. Prazer não é alegria; alegria e prazer são coisas completamente diferentes; uma chega sem ser convidada, a outra é cultivada, nutrida; uma se faz presente quando não há um "eu", a outra é prisioneira do tempo; onde uma está a outra não está. O prazer, o medo e a violência andam juntos; são companheiros inseparáveis. Aprender com a observação é ação, fazer é ver.

Ao entardecer, quando a escuridão estava se aproximando, os gaios e os esquilos tinham ido dormir. A estrela vespertina acabava de se tornar visível e os ruídos do dia e das memórias tinham chegado ao fim. As sequoias gigantes estavam imóveis. Elas continuarão existindo além do tempo. Só o ser humano morre e a tristeza disso.

21 de outubro de 1973

Era uma noite sem lua e o Cruzeiro do Sul reluzia sobre as palmeiras. Ainda levaria muito tempo para o sol aparecer; na quietude daquela escuridão, as estrelas estavam muito próximas da terra e faiscavam um intenso brilho; penetrantemente azuis, elas nasciam do rio. O Cruzeiro do Sul estava sozinho e sem estrelas à sua volta. Não havia brisa e a terra parecia ter parado, esgotada pelas atividades humanas. Depois das chuvas pesadas, a manhã seria maravilhosa, pois não havia nuvens no horizonte. Orion já tinha desaparecido e a estrela matutina já apontava no horizonte distante. No bosque, sapos coaxavam numa lagoa próxima, ficavam quietos por instantes e então despertavam para começar tudo outra vez. O cheiro de jasmim pairava forte no ar e havia um canto distante. Mas àquela hora, havia um silêncio de tirar o fôlego e sua tenra beleza estava presente na terra. Meditação é o movimento desse silêncio.

No jardim murado, os ruídos do dia começaram. O bebê estava sendo banhado e cuidadosamente untado, um óleo especial para a cabeça e outro para o resto do corpo; cada um tinha a sua própria fragrância e ambos estavam levemente aquecidos. O bebê adorava isso, pois arrulhava de satisfação para si mesmo e seu corpinho robusto brilhava pela unção dos óleos. Em seguida, a limpeza continuava com a aplicação de um talco especialmente perfumado. Em nenhum momento o bebê chorou, pois

parecia haver muito amor e carinho. Depois de sequinho, ele foi ternamente enrolado num pano branco e limpo, alimentado e colocado na cama onde imediatamente dormiu. Ele cresceria e seria educado, treinado para trabalhar, para aceitar as tradições, as novas e as velhas crenças, para ter filhos, suportar o sofrimento e o riso da dor.

Um dia, a mãe se aproximou e perguntou: "O que é o amor? É o cuidado, é confiança, é responsabilidade, é o prazer entre um homem e uma mulher? É a dor do apego e da solidão?"

Você está criando o seu filho com tanto cuidado, com uma energia incansável, oferecendo a sua vida e o seu tempo. Você se sente, talvez sem saber, responsável. Você o ama. Contudo, o efeito reducionista da educação irá começar e vai fazer com que seu filho se conforme com punição e recompensa, para se encaixar na estrutura social. Educação é o modo aceito para se condicionar a mente. Para que somos educados? Para trabalhar incessantemente e depois morrer? Você cuidou dele com carinho e afeição; sua responsabilidade termina quando começa a educação? É o amor que vai enviá-lo para a guerra e para ser morto, depois de todo aquele cuidado e generosidade? Sua responsabilidade nunca acaba, o que não significa interferência. Liberdade é total responsabilidade, não apenas pelos seus filhos, mas por todos os filhos do mundo. É amor o apego e seu sofrimento? O apego gera dor, inveja e ódio. O apego se desenvolve a partir de nossas próprias futilidades, carências e isolamento. O apego nos dá a sensação de pertencimento, de identificação com alguma coisa; dá-nos um sentido de realidade, de ser. Quando tudo isso é ameaçado, surge o medo, o ódio, a

inveja. Será tudo isso amor? Dor e sofrimento é amor? O prazer sensorial é amor? Muitos seres humanos razoavelmente inteligentes sabem muito bem disso e não é algo assim tão complicado. Mas eles não abrem mão disso; eles transformam esses fatos em ideias e ficam lutando com conceitos abstratos. Eles preferem viver em abstrações do que na realidade, no que é.

Na negação do que não é o amor, o amor é. Não tenha medo da palavra negação. Negue tudo que não é amor e, então, o que é, é compaixão. Aquilo que você é importa demais, pois você é o mundo e o mundo é você. Isto é compaixão.

Lentamente, a madrugada ia chegando; no horizonte oriental uma luminosidade fraca ia aparecendo e se espalhando, fazendo com que o Cruzeiro do Sul fosse desaparecendo. As árvores assumiam a sua forma, os sapos se calaram e a estrela matutina ia se perdendo no engrandecimento da luz, pois um novo dia começava. Os voos dos corvos e as vozes humanas tinham começado, mas as bênçãos daquela fresca manhã ainda estavam por ali.

22 de outubro de 1973

No pequeno barco, fluindo com a correnteza suave do rio, o horizonte era visível de norte a sul e de leste a oeste; não havia uma casa ou árvore que interrompesse a linha do horizonte; nem mesmo uma nuvem a flutuar. As margens eram planas, alongando-se e acolhendo o vasto rio em seu percurso. Havia outros barcos menores, com pescadores aconchegados em um dos lados, suas redes lançadas; esses homens eram extremamente pacientes. O céu e a terra se encontravam e o espaço era imenso. Nesse espaço imensurável, a terra e todas as coisas tinham sua existência, até mesmo esse pequeno barco sendo levado pela forte correnteza. Ao longo de uma curva do rio, os horizontes, imensuráveis e infinitos, se expandiam para além de onde os olhos podiam ver. O espaço ficou inesgotável. É preciso existir um espaço assim para a beleza e a compaixão. Tudo tem que ter um espaço, os vivos e os mortos, a pedra sobre o morro e o pássaro em seu voo. Quando não há espaço, há morte. Os pescadores cantavam e o som de suas canções descia junto com o rio. O som precisa de espaço. O som de uma palavra precisa de espaço; a palavra cria seu próprio espaço, quando corretamente pronunciada; o rio e a árvore distante só podem sobreviver quando têm espaço; sem espaço todas as coisas definham. O rio desapareceu no horizonte e os pescadores estavam indo para terra firme. A escuridão profunda da noite estava chegando, a terra repousava depois de

um dia cansativo e as estrelas se refletiam sobre as águas. O vasto espaço foi se estreitando para dentro de uma casa pequena e com muitas paredes. Até mesmo os grandes palácios possuem paredes que se fecham à imensidão do espaço, transformando-o em sua propriedade.

Uma pintura deve ter espaço dentro de si, mesmo quando é emoldurada. Uma estátua só pode existir no espaço; a música cria o espaço que precisa; o som de uma palavra não só cria espaço: ele precisa de espaço para ser escutado. O pensamento pode imaginar a distância entre dois pontos, a distância e a medida; o intervalo entre dois pensamentos é o espaço que o próprio pensamento cria. A contínua extensão do tempo, o movimento e o intervalo entre dois movimentos do pensamento precisam de espaço. A consciência está dentro do movimento do tempo e do pensamento. O pensamento e o tempo são mensuráveis entre dois pontos, entre o centro e a periferia. Ampla ou estreita, a consciência existe onde há um centro: o "eu" e o "não eu".

Tudo precisa de espaço. Se ratos são contidos em um espaço pequeno, eles destruirão uns aos outros; pássaros pequeninos pousados sobre um cabo elétrico, contam com o espaço necessário entre cada um. Seres humanos vivendo em cidades apinhadas estão se tornando violentos. Onde não há espaço, interna ou externamente, todas as formas de trapaça e degeneração tornam-se inevitáveis. O condicionamento da mente, através da assim chamada educação, religião, tradição e cultura, oferece muito pouco espaço para o florescimento da mente e do coração. A crença, a experiência segundo essa crença, as opiniões, os conceitos, as palavras, tudo isso é o "eu",

o ego, o centro que cria um espaço limitado, dentro do qual está a consciência. O "eu" tem o seu estado de ser e suas atividades dentro do pequeno espaço que criou para si mesmo. Todos os seus problemas e sofrimentos, esperança e desespero estão contidos em suas próprias fronteiras e não há espaço ai. O conhecido ocupa toda a sua consciência. Consciência é o conhecido. Dentro das fronteiras do conhecido não há solução para todos os problemas que os seres humanos criaram. E ainda assim, eles não abrem mão disso; eles se agarram ao conhecido ou inventam o desconhecido, na esperança de que isso venha a resolver seus problemas. O espaço que o "eu" construiu para si mesmo é a sua dor e a agonia do prazer. Os deuses não lhe dão espaço, pois o espaço deles é o seu espaço. Esse vasto e imensurável espaço está fora das medidas do pensamento, o pensamento é o conhecido. Meditação é o esvaziamento da consciência de seus conteúdos, do conhecido, do "eu".

Lentamente, os remos impulsionaram o barco rio acima no rio adormecido e a luz de uma casa apontava-lhes a direção. Havia sido um entardecer duradouro e o por do sol era dourado, verde e laranja; criavam uma trilha dourada sobre as águas.

24 de outubro de 1973

Na baixada do vale, viam-se as luzes fracas do pequeno vilarejo; estava escuro e o caminho era rústico e cheio de pedras. Imersa na escuridão profunda, as linhas sinuosas das colinas iam de encontro ao céu estrelado e um coiote uivava nas redondezas. O caminho tinha perdido a sua familiaridade e uma brisa suave e perfumada vinha do vale. Estar sozinho nesse lugar ermo era ouvir a voz de um silêncio intenso e a sua imensa beleza. Um animal fazia barulho entre os arbustos, amedrontado ou chamando a atenção. Naquele instante, estava muito escuro e o mundo daquele vale caiu em profundo silêncio. O ar noturno tinha cheiros especiais, uma combinação de todos os arbustos que cresciam naqueles morros ressecados, aquele cheiro de arbustos que conhecem o sol escaldante. As chuvas pararam há muitos meses atrás, e não choveria outra vez por um longo período; o caminho estava seco, empoeirado e acidentado. O grande silêncio, com o seu vasto espaço, sustentava a noite e cada movimento do pensamento se aquietou. A própria mente era esse espaço imensurável e, na profundeza daquele silêncio, não havia uma única coisa que o pensamento tivesse construído. Ser absolutamente nada é ser imensurável. O caminho descia por uma colina inclinada e um pequeno regato estava a dizer muitas coisas, deliciando-se com a sua própria voz. Cruzava o caminho várias vezes e os dois estavam brincando juntos nesse jogo. As estrelas estavam

muito próximas e algumas olhavam para baixo do alto das colinas. As luzes do vilarejo iam ficando mais distantes e as estrelas iam desaparecendo por trás das colinas elevadas. Fique só, sem palavra nem pensamento, mas apenas observando e escutando. O grande silêncio mostrou que, sem isso, a existência perde o seu significado profundo e a sua beleza.

Ser uma luz para si mesmo nega toda experiência. Aquele que está experimentando como experimentador necessita da experiência para existir e não importa se ela é profunda ou superficial, a necessidade de experimentar vai ficando cada vez maior. Experiência é conhecimento, é tradição; o experimentador se divide para discernir entre o que é prazeroso e o que é doloroso, o que conforta e o que perturba. O crente experimenta segundo a sua crença e de acordo com seus condicionamentos. Essas experiências partem do conhecido, pois o reconhecimento é essencial, sem ele não há experiência. Toda experiência deixa uma marca, a menos que ela tenha um fim no momento em que surge. Toda resposta a um desafio é uma experiência, mas quando a resposta vem do conhecido, o desafio perde sua novidade e sua vitalidade; então há conflito, agitação e atividade neurótica. A essência do desafio é questionar, perturbar, despertar e compreender. Contudo, quando o desafio é traduzido no passado, então o presente é evitado. A convicção da experiência é a negação do questionamento. Inteligência é a liberdade de questionar, de investigar o "eu" e o "não eu", o interior e o exterior. Crenças, ideologias e a autoridade impedem a percepção clara que só vem quando há liberdade. O desejo por experiências de qualquer natureza tem que ser algo

superficial ou sensorial, confortável ou prazeroso, pois não importa quão intenso seja o desejo, ele será sempre o precursor do pensamento e o pensamento é o mundo exterior. O pensamento pode até organizar o interior, mas ainda assim é uma externalidade. O pensamento jamais encontrará o novo, pois ele é o velho, e nunca é livre. A liberdade está além do pensamento. Toda atividade do pensamento não é amor.

Ser uma luz para si mesmo é ser luz para todos os outros. Ser uma luz para si mesmo é a mente ser livre do desafio e da resposta, pois então a mente estará totalmente atenta e completamente desperta. Essa atenção não tem um centro, alguém que está atento e, portanto, não tem fronteiras. Enquanto houver um centro, um "eu", tem que haver desafio e resposta, adequado ou inadequado, prazeroso ou doloroso. O centro jamais poderá ser uma luz para si mesmo; sua luz é a luz artificial do pensamento que produz muita sombra. Compaixão não é sombra do pensamento, mas é luz, que não pertence a você nem a ninguém.

Gradualmente, o caminho entrava no vale e o regato atravessava o vilarejo para encontrar o mar. As colinas permaneciam imutáveis, e o pio de uma coruja era resposta a outra. E havia espaço para o silêncio.

25 de outubro de 1973

Sentado numa pedra no laranjal; o vale se espalhava e desaparecia nas dobras das montanhas. Era de manhã bem cedinho e as sombras estavam longas, abertas e suaves. As codornizes faziam seu apelo com sons definidos e a pomba arrulhava uma canção tristonha, num ritmo suave e gentil, ao começar do dia. O pássaro preto fazia curvas rápidas no ar, dava cambalhotas e se deleitava com o mundo. Vagarosamente, uma grande tarântula, peluda e escura, saiu de debaixo da pedra, parou, sentiu o ar da manhã e seguiu seu caminho sem pressa. As laranjeiras estavam plantadas em linha reta ao longo de uma grande extensão, com seus frutos e flores frescas – a flor e o fruto, ao mesmo tempo, na mesma árvore. O perfume das flores era bem penetrante e com o calor do sol poderia ficar mais intenso e insistente. O céu era de um azul vivo e suave e todas as colinas e montanhas ainda dormiam.

Era uma manhã deliciosa, fria e fresca, com aquela estranha beleza que o ser humano ainda não havia destruído. Os lagartos saíam e buscavam um lugar aquecido pelo sol, se esticavam para aquecer as barrigas e viravam as longas caudas para um lado. Era uma manhã feliz e a luz suave cobria a terra e a beleza infinita da vida. Meditação é a essência dessa beleza manifesta ou silenciosa. Manifesta ela assume uma forma e substância; silenciosa, não poderá ser posta em palavras, forma ou cor. A partir do silêncio, a expressão ou a ação é sempre bela, inteira, e

toda luta e conflitos deixam de existir. Os lagartos foram buscar uma sombra e os beija-flores e as abelhas ficavam entre as flores.

Sem paixão não há criação. Quando a entrega é total a paixão é infinita. A entrega com um motivo é uma coisa e quando não há propósito nem expectativa é outra. Aquilo que tem uma finalidade e um direcionamento é efêmero e se torna pernicioso e comercial, vulgar. O que não é movido por uma causa, intenção ou ganho, não tem começo nem fim. Essa entrega é o esvaziamento na mente, o desaparecimento do "eu", o desaparecimento de si mesmo. O "eu" pode se perder de si mesmo em alguma atividade, em alguma crença reconfortante ou num sonho imaginativo, mas tal perda é a continuação de si mesmo em outra forma, identificando-se com outra ideologia ou ação. A entrega do eu não é um ato da vontade, pois a vontade é o eu. Os movimentos do eu, horizontal ou verticalmente e em qualquer direção, ainda estão dentro do campo do tempo e do sofrimento. O pensamento pode se entregar a alguma coisa sana ou insana, razoável ou estúpida, mas como sua estrutura e natureza são fragmentadas, o seu próprio entusiasmo e excitação logo se transformam em prazer e medo. Nessa área, a entrega do eu é ilusória e insignificante. A percepção de tudo isso é o despertar para as atividades do eu; nessa atenção não há um centro, não há um eu. O impulso para expressar-se a si mesmo em função de uma identificação é o resultado da confusão e de uma existência sem sentido. Buscar um sentido é o começo da fragmentação; o pensamento pode e dá um milhão de sentidos para a vida, cada um deles inventando seus próprios significados que são apenas opiniões e

convicções, e não há um fim para isso. O próprio viver é o inteiro sentido, mas quando a vida é conflito, luta; quando é um campo de batalha para a ambição, a competição, a adoração do sucesso e a busca de posição e poder, então a vida não tem sentido nenhum. O que é a necessidade de expressão? A criação está na coisa produzida? A coisa produzida pela mão ou pela mente, não importando quão bela ou utilitária – é isso o que estamos buscando? A paixão, onde não existe o eu, precisa de expressão? Quando há uma necessidade, uma compulsão, há a paixão da criação? Enquanto houver separação entre o criador e o que é criado, a beleza e o amor desaparecem. Você pode produzir algo primoroso, em cores ou em pedra, mas se sua vida cotidiana contradiz aquela excelência suprema, que é a entrega total do eu, então, aquilo que você produziu é apenas para elogio e vulgaridade. O próprio viver é a cor, a beleza e sua expressão. Nada mais é necessário.

As sombras iam se aproximando e as codornizes silenciaram. Havia apenas a pedra, as laranjeiras com seus frutos e flores, as graciosas colinas e a terra abundante.

29 de outubro de 1973

Dentre os laranjais do vale, esse era muito bem cuidado – fileira após fileira de árvores jovens, fortes e reluzindo ao sol. O solo era bom, bem irrigado, adubado e bem tratado. Com um céu azul e claro, a manhã estava linda, cálida e permeada por uma brisa suave e agradável. Por entre os arbustos, as codornizes se agitavam e emitiam seus chamados agudos; um falcão pairava no ar, imóvel, para, em seguida, pousar no galho de uma laranjeira próxima e se recolher para dormir. Ele estava tão próximo que as garras afiadas, as pintas em suas penas e o bico cortante eram claramente visíveis e ao alcance de um braço. Ainda mais cedo, ao longo de uma ala de acácias, passarinhos pequeninos alardeavam um sinal de perigo. Sob os arbustos, duas cobras não venenosas, com seus anéis de cor marrom-escuro ao logo do corpo, se enroscavam uma na outra e, quando passaram por ali estavam completamente alheias a uma presença humana. Elas saíram de uma prateleira no barracão, alongaram-se e com os olhos negros e brilhantes espreitavam e esperavam pelos camundongos. Olhavam fixamente, sem piscar, pois não tinham cílios. Era bem possível que tivessem passado a noite ali e agora se moviam entre os arbustos. Elas estavam em seu território e poderiam ser vistas com frequência e, ao apanhar uma delas, ele sentiu o toque frio quando a cobra se enroscou em seu braço. Tudo que

vive parece ter a sua própria ordem, disciplina e seu jeito único de brincar e expressar contentamento.

O materialismo, nada existe a não ser a matéria, é a atividade prevalente e persistente dos seres humanos, na riqueza e na pobreza. No mundo, há um bloco inteiro de seres humanos dedicados ao materialismo; a estrutura da sociedade nesse bloco está fundamentada em princípios materialistas com todas as suas consequências. Os outros blocos também são materialistas, aceitam alguns princípios idealistas quando convenientes, mas podem descartá-los em nome da racionalidade e da necessidade. Ao afetar o meio ambiente, violenta ou lentamente, em nome da revolução ou da evolução, o comportamento do ser humano muda segundo a cultura em que ele vive. Esse é um conflito ancestral entre aqueles que acreditam que o ser humano é matéria e aqueles que buscam o espírito. Essa divisão tem causado muita miséria, confusão e ilusão para o ser humano.

O pensamento é material e sua atividade, interior ou exterior, é materialista. O pensamento e o tempo são mensuráveis e, nisso, a consciência é matéria. A consciência é o seu conteúdo; o conteúdo é consciência; eles são inseparáveis. O conteúdo implica as muitas coisas que o pensamento configurou: o passado modificando o presente que é o futuro, que é o tempo. Tempo é o movimento na consciência, expandida ou contraída. Pensamento é memória, experiência e conhecimento, e essa memória, com suas imagens e suas sombras, é o si mesmo, o "eu" e o "não eu", o "nós" e o "eles". A essência da divisão é o "eu", com todos os seus atributos e qualidades. O materialismo apenas fortalece e engrandece o "eu". O "eu" se

identifica com o Estado, com uma ideologia, com atividades "não eu", religiosas ou mundanas, mas continua sendo sempre o "eu". Suas crenças são autocriadas, assim como os seus prazeres e medos. Em sua estrutura e natureza, o pensamento é fragmentado e o conflito e a guerra estão entre os seus muitos fragmentos, assim como as nacionalidades, as raças e as ideologias. Uma humanidade materialista se autodestruirá, a menos que o "eu" seja completamente abandonado. O abandono do "eu" é de primeira importância. Somente a partir dessa revolução se pode criar uma nova sociedade.

O abandono do "eu" é amor, é compaixão: paixão por todas as coisas – pelos que passam fome, pelos que sofrem, pelos sem-teto, pelos materialistas e pelos que creem. O amor não é sentimentalismo nem romantismo; ele é tão forte e definitivo quanto a morte.

Lentamente, a neblina que vinha do mar alcançou as colinas, envolvendo-as como se fossem ondas imensas; que foi tomando as colinas e descendo pelo vale, chegando até aqui; esfriaria quando a escuridão da noite chegasse. Embora não houvesse estrelas, o silêncio era completo. Silêncio de fato, não aquele que a mente cultiva e no qual não há espaço. *

---

* As cinco anotações seguintes foram escritas dezoito meses mais tarde, em Malibu, na Califórnia.

01 de abril de 1975

Era de manhã bem cedo e o sol já estava muito quente. Nenhuma brisa soprava e folha alguma se movia. Naquele templo antigo, o ar estava fresco e agradável; os pés descalços percebiam as sólidas placas de pedra, seus formatos diferentes e irregularidades. Ao longo de um milênio, muitos milhares de pessoas caminharam sobre aquele piso. Depois do brilho da manhã, aquele lugar parecia escuro, os corredores comportavam poucas pessoas e as passagens mais estreitas estavam ainda mais escuras. Uma passagem levava a um corredor mais amplo e este para o templo interno. Havia um cheiro forte e secular de flores e incenso. Recém-banhados e vestidos em tangas brancas, uma centena de brâmanes cantavam. O sânscrito é uma língua poderosa e ressoa profundamente. As paredes milenares vibravam e quase tremiam ao som de uma centena de vozes. A dignidade do som era incrível e a sacralidade do momento estava além das palavras. Não eram as palavras que despertavam essa imensidão, mas a profundidade do som de muitos milhares de anos contida entre aquelas paredes e no espaço imensurável além delas. Não era o significado das palavras nem a clareza com que eram pronunciadas nem a beleza escura do templo, mas a qualidade do som que rompia as paredes e as limitações da mente humana. O canto de um pássaro, uma flauta distante, a brisa soprando por entre a folhagem

também rompem os muros que os seres humanos criam para si mesmos.

Nas grandes catedrais e graciosas mesquitas, os cantos e a entonação de textos sagrados – é o som que abre o coração para a beleza ou para as lágrimas. Se não há espaço, não há beleza; na ausência de espaço, você só encontra paredes e medidas; quando não há espaço não há profundidade; sem espaço só há pobreza interior e exterior. Você tem tão pouco espaço em sua mente; ela está tão abarrotada, tão cheia de palavras, lembranças, conhecimento, experiências e problemas. Não sobra nenhum espaço ali, apenas a eterna tagarelice do pensamento. É por isso que seus museus estão tão abarrotados e as prateleiras tão cheias de livros. É por isso que você lota os espaços de entretenimento, os religiosos e todos os outros. Ou você constrói paredes à sua volta, um espaço estreito de trapaças e dor. Sem espaço, interior e exterior, você se torna desagradável e violento.

Tudo precisa de espaço para viver, para brincar e para cantar. Aquilo que é sagrado não pode amar sem espaço. Você não tem espaço quando fica no controle, quando há sofrimento, quando você é o centro do universo. O espaço que você ocupa é o mesmo que o pensamento criou em torno de si e significa desespero e confusão. O espaço que o pensamento mede é a divisão entre você e eu, nós e eles. Essa divisão é dor infinita. No campo aberto, verde, amplo, está a árvore solitária.

02 de abril de 1975

Não era uma terra de árvores, campos, regatos, flores e alegria. Queimada pelo sol, a terra era arenosa, as colinas estéreis e sem uma única árvore ou arbusto; uma paisagem desolada, quilometro após quilometro de uma secura sem fim, sem a presença de um único pássaro e nem mesmo torres de petróleo com suas chamas acesas. A consciência não conseguia suportar tal desolação, cada morro era uma sombra infértil. Por muitas horas, voamos sobre essa imensidão vazia, até que, finalmente, lá estavam os picos nevados, florestas e rios, vilarejos e cidades em expansão.

Você pode ter um vasto conhecimento e ser completamente pobre. E quanto mais pobre você é maior é a sua demanda por conhecimento. Você expande sua consciência com uma grande variedade de conhecimento, acumulando experiências e lembranças e, ainda assim, pode ser imensamente pobre. O uso habilidoso do conhecimento pode enriquecê-lo e lhe dá prestígio e poder, mas, ainda assim, há pobreza. Essa pobreza produz insensibilidade; você se diverte enquanto a casa está queimando. Essa pobreza apenas fortalece o intelecto e, nas emoções, enfraquece os sentimentos. É essa pobreza que promove o desequilíbrio interior e exterior. Não existe o conhecimento interior, só exterior. O conhecimento exterior nos informa erroneamente que deve existir um conhecimento interior. O conhecimento do eu é passageiro e sem profundidade;

a mente logo se põe além desse conhecimento, como se cruzasse um rio. Você faz muito barulho ao cruzar o rio e, confundir o barulho com o conhecimento do eu, é expandir ainda mais a pobreza. Essa expansão da consciência é a atividade da pobreza. Religiões, cultura e conhecimento não podem enriquecer essa pobreza.

A habilidade da inteligência é colocar o conhecimento em seu devido lugar. Sem conhecimento não é possível viver nesta civilização cada vez mais tecnológica e mecânica, mas ele não transformará o ser humano e a sociedade. O conhecimento não é a excelência da inteligência; a inteligência pode e deve usar o conhecimento e, assim, transformar o ser humano e a sociedade. A inteligência não é o mero cultivo do intelecto e de sua integridade. Ela emerge da compreensão total da consciência humana, que é você inteiro, e não de uma parte, de um segmento separado de si mesmo. O estudo e a compreensão do movimento de sua própria mente e coração faz nascer essa inteligência. Você é o conteúdo de sua própria consciência; ao conhecer-se a si mesmo, você conhecerá o universo. Esse saber está além da palavra, pois a palavra não é a coisa. A cada minuto, a liberdade do conhecido é a essência da inteligência. Essa inteligência opera no universo se você a deixa em paz. Você está destruindo essa ordem sagrada com a ignorância de si mesmo. Essa ignorância não desaparece com estudos que outros fizeram sobre você ou sobre eles mesmos. É você que tem de investigar o conteúdo de sua própria consciência. Os estudos que outros fizeram sobre eles mesmos e, assim, sobre você são descrições, mas não o descrito. A palavra não é a coisa.

Só no relacionamento você pode conhecer a si mesmo, não numa abstração e muito menos no isolamento. Mesmo num mosteiro, você se relaciona com a sociedade que o construiu como um escape, fechando as portas à liberdade. O movimento do comportamento é um guia seguro para você mesmo; é um espelho de sua consciência; esse espelho revelará o seu conteúdo: as imagens, os apegos, os medos, a solidão, a alegria e o sofrimento. A pobreza está em fugir disso, seja pela sublimação ou pela identificação. Negar, sem resistência, o conteúdo da consciência é a beleza e a compaixão da inteligência.

03 de abril de 1975

Quão extraordinariamente bela é a sinuosidade de um grande rio. Você precisa vê-lo a partir de uma altitude correta, nem muito de longe nem muito de perto, a serpentear preguiçosamente através dos campos verdes. O rio era largo e transbordante em suas águas claras. Não voávamos numa altitude muito elevada e dava para ver a forte corrente e suas ondas pequeninas, bem no meio do rio. Nós o seguimos e passamos por aldeias e cidades até chegar ao mar. Cada curva tinha a sua própria beleza, a sua própria força, o seu próprio movimento. E bem longe dali, os grandes picos cobertos de neve se revestiam dos tons rosados do sol matinal; eles abarcavam o horizonte do lado oriental. Naquela hora do dia, o rio largo e as grandes montanhas pareciam sustentar a eternidade – esse sentido avassalador de espaço infinito. Embora o avião estivesse indo para o sudoeste, naquele espaço não havia direção nem movimento, apenas aquilo que é. Por uma hora inteira, nada mais existia, nem mesmo o ruído das turbinas. Somente quando o comandante avisou que logo estaríamos aterrissando, a hora plena chegou a um fim. Não havia memória daquela hora, nenhum registro do seu conteúdo e, portanto, estava fora do alcance do pensamento. Quando acabou não havia resquícios, a lousa estava limpa outra vez. Assim, o pensamento não dispunha dos meios para cultivar aquela hora e estava pronto para deixar o avião.

O que o pensamento pensa ele quer que seja a realidade, mas isso não é o real. A beleza jamais pode ser uma expressão do pensamento. Um pássaro não é feito pelo pensamento e por isso é belo. O amor não é moldado pelo pensamento, e quando é, se transforma numa coisa muito diferente. A adoração do intelecto e sua integridade é uma realidade criada pelo pensamento. Mas não é compaixão. O pensamento não pode fabricar a compaixão; ele pode fazer isso parecer realidade, ou necessidade, mas não será compaixão. A natureza do pensamento é fragmentada e, portanto, cria um mundo de fragmentos, de divisão e conflito. Assim, o conhecimento é fragmentado e não importa o quanto seja acumulado, camadas e camadas, permanecerá sempre fragmentado, em pedaços. O pensamento pode criar uma ideia de integração, mas isso também é um fragmento.

A palavra ciência significa conhecimento e, por intermédio da ciência, o ser humano espera ser transformado em alguém sadio e feliz. Assim, ansiosamente, quer o conhecimento de tudo que há na terra e também de si mesmo. Conhecimento não é compaixão e sem compaixão o conhecimento cria a injúria, o caos e incontável miséria. O conhecimento não pode fazer o ser humano amar, pode apenas gerar a guerra e os instrumentos de destruição, mas não pode trazer amor para o coração, nem paz para a mente. Perceber tudo isso é agir, mas não é uma ação baseada na memória ou em padrões. O amor não é memória, não é a lembrança de prazeres.

04 de abril de 1975

Durante alguns meses, o acaso o levou a viver numa casa pequena e dilapidada, bem no alto das montanhas e distante de outras casas. Havia muitas árvores e, como foi durante a primavera, fragrâncias se espalhavam no ar. Era a solidão das montanhas e a beleza da terra vermelha. Os picos elevados estavam cobertos de neve e algumas das árvores floresciam. Você vivia sozinho no meio desse esplendor. A floresta não ficava longe, com cervos, a presença ocasional de um urso, aqueles macacos enormes de caras pretas e rabos compridos e, é claro, serpentes. Na solidão profunda e de modo peculiar, você se relacionava com todos eles. Você não poderia ferir o que quer que fosse, nem mesmo à margarida nascida sobre a trilha. Nesse relacionamento, a separação entre você e eles não existia; não era uma coisa inventada; não era uma convicção emocional ou intelectual que trazia isso à tona, mas simplesmente era assim. Especialmente ao entardecer, um grupo desses grandes macacos se aproximava e alguns poucos ficavam no chão, mas a maioria se acomodava nas árvores a observar silenciosamente. Ficavam surpreendentemente quietos, com apenas alguma breve agitação aqui e ali, e nos observávamos mutuamente. Vinham todas as tardes, sem chegar muito perto nem ficar muito alto nas árvores, mas estávamos mútua e silenciosamente atentos uns aos outros. Tornamo-nos muito bons amigos, mas eles não queriam invadir aquela solidão. Numa tarde, ao

caminhar pela floresta, você os encontrou subitamente em uma clareira. Deveria haver uns trinta macacos, jovens e idosos, sentados por entre as árvores e em volta daquele espaço aberto, absolutamente silenciosos e imóveis. Se quisesse, você poderia tocá-los, pois não havia medo neles; e, assim, sentados no chão nos observamos uns aos outros, até que o sol se escondeu por trás dos picos nevados.

Se você perde o contato com a natureza, perde o contato com a humanidade. Se você não tem um relacionamento com a natureza, você se torna um assassino; e, assim, irá matar bebês focas, baleias, golfinhos e o próprio ser humano, seja por lucro, por esporte, pelo conhecimento ou para comer. E assim, a natureza tem medo de você e lhe nega sua beleza. Você até pode fazer longas caminhadas nos bosques, nos campos ou em lugares aprazíveis, mas você é um assassino e, assim, perde a amizade das criaturas da natureza. É provável que você não esteja se relacionando com ninguém, nem com seu marido ou sua esposa; você está ocupado demais com suas perdas e ganhos, com seus próprios pensamentos, suas dores e prazeres. Você vive no seu isolamento privado e escuro e quando tenta escapar gera ainda mais escuridão. Seu interesse se volta para uma sobrevivência efêmera, despreocupada ou violenta. Milhares morrem de fome ou são assassinados por causa da sua irresponsabilidade. Você permite que a ordem mundial fique nas mãos de políticos mentirosos e corruptos, de intelectuais e de sabichões. Porque você não tem integridade, você constrói uma sociedade imoral e desonesta, baseada num egoísmo absoluto. Depois você foge de tudo isso, do qual você é

o único responsável, indo para a praia, para o campo, ou carregando uma arma por "esporte".

Você pode saber de tudo isso, mas o conhecimento não o transforma. Quando você tem esse sentido de totalidade, então você se relaciona com o universo.

06 de abril de 1975

Não é aquele azul extraordinário do Mediterrâneo; o Pacífico tem um azul mais etéreo, principalmente quando há uma brisa suave vinda do oeste e se você estiver indo para o norte, pela estrada beirando a costa. Estava tudo tranquilo, deslumbrantemente claro e cheio de alegria. Ocasionalmente, baleias podiam ser vistas soprando o seu caminho em direção ao norte, mas não suas cabeças enormes, quando se lançavam para fora d'água. Havia um bando delas soprando; baleias devem ser animais muito vigorosos. Naquele dia, o mar era um lago, parado e extremamente silencioso, sem uma única onda; não estava ali aquele azul claro e dançante. O mar estava adormecido e você olhava para ele maravilhado. Era uma bela casa*, voltada para o mar e com um jardim silencioso, gramado verde e flores; também era espaçosa e iluminada pelo sol californiano; os coelhos também gostavam da casa, pois vinham todos os dias, de manhã cedo e ao anoitecer; eles comiam as flores e os amores perfeitos recém plantados, os tagetes e as plantinhas menores. Ninguém conseguia mantê-los afastados, embora houvesse uma tela de arame em volta do jardim e matá-los seria um crime. Mas um gato e uma coruja mantinham a ordem no jardim; o gato preto perambulava pelo jardim e a coruja pousava

---

* Essa era a casa onde K estava hospedado, em Malibu.

nos galhos dos eucaliptos, durante o dia; ela podia ser vista com os olhos fechados, grande, imóvel e arredondada. Os coelhos desapareceram, o jardim florescia e o Pacífico azul fluía sem esforço.

Só o ser humano traz a desordem para o universo. Ele é cruel e extremamente violento. Onde quer que esteja, ele provoca o sofrimento em si mesmo e ao mundo à sua volta. Ele desperdiça, destrói e não tem compaixão. Não tem ordem dentro de si e, portanto, tudo que ele toca se torna sujo e caótico. Sua política se transformou numa forma refinada de bandidagem do poder, das fraudes pessoais e nacionais e dos grupos contra grupos. Sua economia é restrita e, portanto, não é universal. Sua sociedade é imoral seja em liberdade ou sob a tirania. Não é religioso, embora tenha crenças, adorações e se submeta a rituais infindáveis e sem sentido. Por que o ser humano ficou assim – cruel, irresponsável e extremamente ego centrado? Por quê? Há uma centena de explicações e aqueles que explicam, sutilmente, com palavras nascidas do conhecimento de muitos livros e de experimentos com animais, estão aprisionados na rede do sofrimento humano, no orgulho, na ambição e na agonia. A descrição não é o descrito, a palavra não é a coisa. Será que é porque o ser humano está buscando causas externas, o ambiente condicionando-o, esperando que a reforma exterior o transforme interiormente? Será porque ele está tão apegado aos sentidos, dominado por suas exigências imediatas? Será porque ele vive inteiramente no movimento do pensamento e do conhecimento? Ou será porque ele é tão romântico e sentimental que se tornou cruel com seus ideais, fantasias e pretensões? Ou será porque ele é sempre

conduzido, tornado um seguidor, ou se torna um condutor, um guru?

Essa divisão entre o interior e o exterior é o começo do conflito e do sofrimento; o ser humano é apanhado nessa contradição, nessa tradição milenar. Aprisionado nessa divisão sem sentido, ele está perdido e se torna um escravo dos outros. O interior e o exterior são imaginações e invenções do pensamento; como o pensamento é fragmentado, ele cria a desordem e o conflito, o que é divisão. O pensamento não pode criar a ordem, a virtude que flui sem qualquer esforço. A virtude não é a repetição incessante da memória, não é algo que se pratique. Pensamento-conhecimento é vinculado ao tempo. Em sua natureza e estrutura, o pensamento não é capaz de abarcar a inteireza do fluxo da vida em seu movimento total. Pensamento-conhecimento não pode ter a percepção da totalidade; não pode ficar atento para isso, sem escolha, enquanto permanece como o que percebe, alguém de fora olhando para dentro. Pensamento-conhecimento não tem lugar na percepção; o pensador é o pensamento; o que percebe é o que está sendo percebido. Só então há um movimento sem esforço em nossas vidas.

08 de abril de 1975

Nesta parte do mundo* não chove muito, cerca de quinze a vinte polegadas ao ano, sendo essas chuvas extremamente bem vindas, pois não choverá pelo resto do ano. Ainda há neve nas montanhas e durante o verão e outono elas ficam nuas, queimadas pelo sol, rochosas e proibitivas; somente na primavera ficam brandas e convidativas. Costumava haver ursos, cervos, linces, codornizes e uma variedade de serpentes. Mas agora eles começavam a desaparecer; a temida criatura humana estava ultrapassando os limites. Tinha chovido um pouco e o vale se revestiu de verde, as laranjeiras carregadas de flores e frutos. Era um belo vale, distante dos ruídos da cidade e onde se ouvia o canto das pombas. Lentamente, o ar se impregnava com o perfume das flores de laranjeira e, em mais alguns dias, a fragrância tomaria conta de tudo com o calor do sol e os dias sem sopro de vento. Era um vale completamente circundado por colinas e montanhas; além das colinas, estava o mar e além das montanhas, o deserto. No verão, o clima seria insuportavelmente quente, mas a beleza estaria sempre presente nesse lugar distante das multidões enlouquecidas e suas cidades. À noite, o silencio seria extraordinário, rico e penetrante.

* K passou 10 dias no Vale de Ojai, Califórnia, e se refere a ele nesta anotação.

A meditação cultivada é um sacrilégio à beleza e cada galho e folha falava da alegria da beleza e os ciprestes altos e escuros silenciavam nela; a velha e retorcida pimenteira fluía com a beleza.

Você não pode, não lhe é permitido convidar a alegria. Se assim o fizer, ela se transformará em prazer. Prazer é um movimento do pensamento e o pensamento não pode, nem lhe é permitido, cultivar a alegria; se o fizer, então aquilo que é alegria passa a ser uma lembrança, uma coisa morta. Beleza não se vincula ao tempo; ela é totalmente livre do tempo e, assim, da cultura. A beleza está quando o eu não está. O eu é criado pelo tempo, pelo movimento do pensamento, pelo conhecido e pela palavra. No abandono do eu, nessa atenção total, a essência da beleza está presente. O abandono do eu não é uma ação calculada do desejo, do querer. O querer é impositivo, defensivo e, assim, causa divisão e conflito. A dissolução do eu não é a evolução do conhecimento do eu; o tempo não tem qualquer participação nisso. Não existe um caminho ou um método para dar cabo do eu. A total não ação interior é a atenção positiva da beleza.

Você tem cultivado uma vasta rede de atividades interligadas onde você fica aprisionado; sua mente, sendo condicionada por isso, opera dessa mesma maneira, interiormente. Empreender e vencer na vida se transforma na coisa mais importante e a fúria desse impulso é ainda o esqueleto do eu. É por isso que você tem seus ideais e crenças, por isso que segue um guru, um salvador; a fé toma o lugar da percepção e da atenção. Não há necessidade de orações e rituais quando o eu não está. Você preenche os espaços vazios do esqueleto com conhecimento,

com imagens, com atividades insignificantes, de modo a mantê-lo aparentemente vivo.

No silêncio e quietude da mente, a beleza eterna chega sem ser convidada ou buscada e sem os ruídos do reconhecimento.

10 de abril de 1975

No profundo silêncio da noite e na quietude da manhã, quando o sol toca as colinas, há um grande mistério. O mistério está aí, presente em tudo que vive. Se você se senta em silêncio sob uma árvore, sente a terra ancestral emanando o seu mistério incompreensível. Numa noite de paz, quando as estrelas estão claras e próximas, você percebe o espaço em expansão, a ordem misteriosa de todas as coisas, o imensurável e o nada, o movimento das colinas escuras e o pio de uma coruja. No silêncio absoluto da mente, o mistério se expande livre do tempo e do espaço. Há mistério nos templos antigos que foram construídos com um cuidado infinito e com atenção, o que é amor. As elegantes mesquitas e as grandes catedrais perdem esse mistério sombrio, pois há intolerância, dogma e pompa militar. O mito que se esconde nas camadas profundas da mente não é misterioso, mas romântico, tradicional e condicionado. Nos recessos secretos da mente, a verdade foi posta de lado pelos símbolos, palavras e imagens, desprovidos de mistério, apenas turbulências do pensamento. No conhecimento e suas ações há imaginação, surpresa e deleite; mas mistério é outra coisa. Não é algo a ser reconhecido, acumulado e relembrado. A experiência é a morte do mistério incomunicável; para comunicar você precisa da palavra, de um gesto, de um olhar, mas para estar em comunhão com aquilo, a mente, a totalidade do que você é precisa estar no mesmo nível, ao mesmo

tempo e com a mesma intensidade que aquilo que é chamado de mistério. Isso é amor. Com isso, todo o mistério do universo se abre.

Nessa manhã, não havia uma única nuvem no céu, o sol estava no vale e todas as coisas se rejubilavam, exceto o ser humano. Ele olhou para essa terra maravilhosa e continuou a sua labuta com a seu sofrimento e seus prazeres passageiros; ele não tinha tempo para ver; estava muito ocupado com os seus problemas, sua agonia, sua violência. Não vê a árvore e, assim, também não percebe o seu próprio esforço. Quando é forçado a olhar, ele rasga em pedaços o que vê, chama isso de análise; foge da situação, ou se nega a ver. Na arte de ver está o milagre da transformação, a transformação "do que é". "O que deveria ser" nunca é. Há um vasto mistério no ato de ver. Isto requer cuidado, atenção, o que é amor.

14 de abril de 1975

Bem à sua frente e preguiçosamente, uma serpente enorme, gorda e pesada atravessava a rua larga onde havia carroças; ela tinha saído de uma lagoa nas proximidades. Era quase toda preta e a luz do entardecer dava à sua pele um polimento especial. A serpente se movia sem pressa e com ares de nobreza e poder. Ela não tinha visto você ali, de pé, a observá-la bem de perto e silenciosamente. Devia ter mais que um metro e meio de comprimento e apresentava um inchaço mostrando o que havia comido. Ela passou por cima de uma pequena elevação na terra e você caminhou em sua direção, olhando para baixo e se aproximando para ver a língua bifurcada entrar e sair. Ela seguia para um grande buraco na terra. Você poderia tê-la tocado, pois ela tinha uma beleza estranha e atraente. Um aldeão passou e gritou para deixá-la em paz, pois era uma naja. No dia seguinte, os aldeões tinham colocado um pires com leite e flores de hibisco sobre o montículo. Na mesma rua e um pouco mais à frente, havia um arbusto alto, quase sem folhas e com espinhos longos, afiados, acinzentados e nenhum animal ousaria tocar suas folhas suculentas; ele estava se protegendo e ai daquele que o tocasse. Nos bosques das redondezas, cervos tímidos e muito curiosos apareciam ocasionalmente; eles permitiam que você se aproximasse deles, porém sem chegar muito perto, pois rapidamente desapareciam por entre a folhagem. Havia um com olhos bem brilhantes e orelhas

voltadas para frente que permitia que se chegasse mais perto, se você estivesse sozinho; todos eles tinham pintas brancas no pelo amarronzado; retraídos e dóceis, mas sempre em estado de alerta, faziam com que fosse muito agradável estar entre eles. Um deles era completamente branco e isso devia ser uma excentricidade.

O bem não é o oposto do mal. O bem nunca foi tocado pelo mal, embora o mal esteja à sua volta. O mal não pode ferir o bem, mas o bem parece poder ferir e, assim, o mal se torna cada vez mais astuto e mais pernicioso. O mal pode ser cultivado, aguçado e expandir-se em violência; dentro do movimento do tempo, ele nasce, é nutrido e habilidosamente usado. Mas o bem não pertence ao tempo; não há como cultivá-lo ou nutri-lo com o pensamento; a ação do bem não é visível; não tem causa e, portanto, não tem efeito. O mal não pode se tornar o bem, pois este não é um produto do pensamento; o bem está além do pensamento, assim como a beleza. Aquilo que o pensamento faz o pensamento pode desfazer, mas isso nunca é o bem; como não pertence ao tempo, o bem não tem um lugar de moradia. Onde o bem está existe ordem, mas não a ordem da autoridade, da punição e da recompensa. Ordem é essencial e, se não for assim, a sociedade se destrói e o ser humano torna-se maléfico, homicida, corrupto e degenerado. Pois o ser humano é a sociedade, são inseparáveis. A ordem que vem com o bem é duradoura, imutável e atemporal; estabilidade é a sua natureza, portanto, absolutamente segura. Não há outra segurança.

17 de abril de 1975

Espaço é ordem. Espaço é tempo, duração, largura e volume. Nesta manhã o mar e o firmamento estão imensos; o horizonte onde as colinas cobertas de flores amarelas encontram o mar é a ordem da terra e do céu; é cósmico. Aquele cipreste, alto, escuro e solitário sustenta a ordem da beleza e a casa distante sobre o morro coberto de mata segue o movimento das montanhas que se elevam para encobrir as colinas mais baixas; o campo verde com uma única vaca pastando transcende o tempo. E o homem subindo a colina está preso no estreito espaço de seus problemas.

Há o espaço do vazio cujo volume não é aprisionado pelo tempo nem pelas medidas criadas pelo pensamento. A mente não pode entrar nesse espaço; ela só pode observar. Nessa observação não há experimentador. Esse observador não tem história, nem associações, nem mitos; assim, o observador é aquilo que é. O conhecimento é extenso, mas não tem espaço, pois pelo seu próprio peso e volume ele perverte e sufoca esse espaço. Não há conhecimento do eu, seja inferior ou superior; só existe uma estrutura verbal do eu, um esqueleto revestido pelo pensamento. O pensamento não pode penetrar em sua própria estrutura; ele também não pode negar tudo que ele juntou, pois quando o faz está recusando um ganho ainda maior. Quando o tempo do eu não está, o espaço imensurável é.

A medida é o movimento de punição e recompensa, ganhos ou perdas; é a atividade de comparação e conformidade, da respeitabilidade e da sua negação. Esse movimento é o tempo, o futuro com a sua esperança e o passado com os seus apegos. Toda essa rede de conexões é a própria estrutura do eu, e sua união com o ser supremo ou com o princípio único, ainda está dentro de seu próprio campo. Tudo isso é a atividade do pensamento. O pensamento não pode penetrar o espaço sem tempo, de jeito nenhum. Os métodos, os currículos e as práticas que o pensamento inventa não são as chaves que abrirão a porta, pois não há porta nem chave. O pensamento pode apenas se dar conta de sua infindável atividade, de sua capacidade de corromper, de sua própria falsidade e de suas ilusões. O pensamento é o observador e o observado. Seus deuses são suas próprias projeções e adorá-los é adorar a si mesmo. O que está além do pensamento, além do conhecido, não pode ser imaginado nem transformado em um mito ou em um segredo para poucos. Está presente para você ver.

23 de abril de 1975*

O rio largo ainda estava como um tanque de moinho. Não havia uma única ondulação e, como era muito cedo, a brisa da manhã ainda não tinha despertado. As estrelas estavam na água, claras e cintilantes, e a estrela matutina era a mais brilhante de todas. As árvores ao longo do rio estavam escuras e o vilarejo entre elas estava ainda adormecido. Nem uma folha se movia e pequenas corujas piavam sobre os galhos do velho tamarindeiro; elas moravam ali e, quando o sol surgia, aproveitavam para se aquecer. Os papagaios verdes e barulhentos também ainda estavam quietos. Todas as coisas, até mesmo os insetos e as cigarras esperavam ansiosos pelo sol, em adoração. O rio estava imóvel e os pequenos barcos com suas fracas lamparinas estavam ausentes. Gradualmente, acima das árvores escuras e misteriosas, começavam os primeiros sinais da aurora. Todas as criaturas vivas ainda estavam imersas no mistério daquele momento de meditação. Sua própria mente era atemporal, imensurável; não havia parâmetros para medir a duração daquele momento. Havia apenas movimento e despertar, papagaios e corujas, gralhas e mainás, cães e uma voz que atravessava o rio. E, de repente, o sol apareceu exatamente onde as árvores estavam, dourado, ainda escondido pela folhagem. Agora

* K está de volta à casa, em Malibu.

o grande rio estava desperto, movendo-se; tempo, comprimento, largura e volume fluíam. Toda a vida começava, para nunca ter fim.

Que adorável manhã, a pureza da luz e a trilha dourada que o sol desenhava sobre as águas pulsantes de vida. Você era o mundo, o cosmos, a beleza imortal e o júbilo da compaixão; só que não havia você ali; se você estivesse, nada disso estaria. Você introduz um começo e um fim e, então, um novo começo, numa cadeia sem fim.

No vir a ser há incerteza e instabilidade. No vazio há estabilidade absoluta e, assim, clareza. Aquilo que é completamente estável nunca morre; a corrupção está no vir a ser. O mundo se volta para o vir a ser, para as conquistas, para o lucro e, assim, surge o medo de perder e de morrer. A mente precisa atravessar esse gargalo que ela mesma criou, o eu, para se deparar com o vasto vazio, cuja estabilidade o pensamento jamais poderá medir. O pensamento deseja capturar este vasto vazio, usá-lo, cultivá-lo e colocá-lo no mercado. Tem de fazê-lo parecer aceitável e respeitável para ser venerado. Como o pensamento não consegue categorizá-lo, então deve ser ilusão, armadilha; ou deve ser somente para poucos e para os escolhidos. Desse modo, o pensamento circula por suas próprias trilhas enganosas, em vão, amedrontado, cruel, nunca estável, embora em sua vaidade afirme que há estabilidade nas suas ações, nas suas explorações e no conhecimento que acumulou. A ilusão se transforma na realidade que ele alimenta. O que o pensamento faz parecer real não é verdadeiro. O vazio não é uma realidade, mas é a verdade. O gargalo, o eu, é a realidade do pensamento, é o esqueleto sobre o qual constrói toda a sua existência – a realidade

de sua fragmentação, sua dor, seu sofrimento e seu amor. A realidade dos seus deuses, ou do seu único deus, é a cuidadosa estrutura do pensamento, suas orações, seus rituais e seu culto romântico. Na realidade não existe estabilidade, nem clareza verdadeira.

O conhecimento do eu é tempo, duração, largura e volume; ele pode ser acumulado, usado como uma escada para vir a ser, para melhorar, para conquistar posições. Esse conhecimento jamais libertará a mente da carga de sua própria realidade. Você é a carga; a verdade disso está em ver isso, e a liberdade não é a realidade do pensamento. Ver é agir. Agir vem da estabilidade e clareza, do vazio.

24 de abril de 1975

Toda criatura viva tem a sua própria sensibilidade, seu próprio jeito de viver, sua própria consciência, mas o ser humano assume que a sua consciência é muito superior e, por causa disso, perde o seu amor, a sua dignidade e se torna insensível, empedernido e destrutivo. Era uma manhã clara e adorável, no vale dos laranjais, com seus frutos e a floração de primavera. As montanhas ao norte ainda tinham neve salpicada em seus cumes; indiferentes e sólidas, elas não tinham adornos, mas ao contrastar com a suavidade do azul do céu de manhãzinha, elas pareciam estar bem próximas e você quase podia tocá-las. Tinham uma indestrutível majestade e aquela imensa presença que vem com a idade, assim como a beleza que vem com a grandeza atemporal. Era uma manhã muito silenciosa e o perfume das flores de laranjeira enchiam o ar e havia a beleza magnífica da luz. Nessa parte do mundo, a luz tem uma qualidade especial, penetrante, viva e de encher os olhos; parecia penetrar toda a consciência e varrer todos os cantos escuros. Havia imensa alegria por toda parte e cada lâmina de grama se rejubilava com tudo isso; o gaio azul pulava de galho em galho, mas, dessa vez, sem perder a cabeça de tanto gritar, só para variar. Era uma manhã gloriosa, cheia de luz e grande profundidade.

O tempo gerou a consciência com os seus conteúdos. É a cultura do tempo. O conteúdo produz a consciência; sem ele, a consciência, como nós a conhecemos, não

existe. Daí, não há nada. Nós movemos as pequenas peças de uma área para outra na consciência, de acordo com a pressão da razão e das circunstâncias, mas sempre dentro do mesmo campo de dor, sofrimento e conhecimento. Esse movimento é o tempo, o pensamento e a medida. É um jogo de esconde-esconde consigo mesmo totalmente sem sentido; é a sombra e a substância do pensamento; é o futuro e o passado do pensamento. O pensamento não pode apreender este momento, pois este momento não é do tempo. Este momento é o fim do tempo; o tempo para neste momento; não há movimento algum e, assim, este momento não está relacionado com nenhum outro. Este momento não tem causa e, assim, nem começo nem fim. A consciência não pode abarcá-lo. Neste momento de vazio a totalidade é.

Meditação é o esvaziamento da consciência de seus conteúdos.

Apontamentos de Krishnamurti é um dos poucos livros redigidos pelo próprio Krishnamurti e na forma de um diário, forma essa que oferece ao leitor uma poderosa intimidade com o seu trabalho.

As anotações foram feitas num período de aproximadamente seis semanas, em 1973, e durante um mês, em 1975. Quase todos os relatos começam com uma descrição da natureza, seguidos por uma passagem que revela de modo singular o que se passava em sua consciência, naquele momento do dia.

Na narrativa, quando ele se refere a si mesmo, o faz na terceira pessoa como 'ele' e ficamos sabendo de certos fatos relacionados às lembranças de sua infância.

Suas anotações também demonstram a sua proximidade e intimidade com a natureza e o quão poderosamente essa observação inspirou os relatos deste caderno de apontamentos.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-88268-05-0

Jiddu Krishnamurti

Apontamentos de Krishnamurti